

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
Faculdade de Filosofia, Ciência, Letras e Artes
Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem

Daniela Costa da Silva Casagrande

**PERSUASÃO EM CHARGES MULTIMODAIS: HUMOR E IRONIA COM APOIO DA
RELAÇÃO METÁFORA/METONÍMIA**
Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional

DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM

São Paulo

2021

Daniela Costa da Silva Casagrande

**PERSUASÃO EM CHARGES MULTIMODAIS: HUMOR E IRONIA COM APOIO DA
RELAÇÃO METÁFORA/METONÍMIA
Um enfoque da Linguística Sistêmico-Funcional**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em cumprimento à exigência parcial para obtenção do título de Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.
Orientadora: Dra. Sumiko Nishitani Ikeda.

São Paulo
2021

Daniela Costa da Silva Casagrande

Professora Dra. Sumiko Nishitani Ikeda (Orientadora) – PUC – SP

Professora Dra. Flaminia Manzano Moreira Lodovici – PUC – SP

Professora Dra. Maximina Maria Freire – PUC-SP

Professor Dr. Marcelo Sapparas – UFGD

Professora Dra. Viviane Yamane Cunha – Faculdade Drummond

São Paulo, 21 de junho de 2021

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

***Aos meus familiares,
pelo carinho e pelo apoio.***

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida, pela saúde física e emocional, por abrir caminhos e conceder-me forças para a realização deste trabalho, sobretudo neste último ano, neste contexto de pandemia da COVID-19.

Não sei como expressar gratidão aos meus pais: Mariléa Costa da Silva e Ivanildo Gomes da Silva, que sempre acreditaram no meu potencial acadêmico e me apoiaram incondicionalmente, dando-me incentivo rumo ao conhecimento científico. Eles são testemunhas do meu interesse pelo meu desenvolvimento pessoal e por toda a minha dedicação aos estudos e à docência.

Ao meu marido, Pedro, por estar ao meu lado, pela parceria e pelo companheirismo. Além de me auxiliar com os cuidados do lar e com os cuidados do nosso garotinho, ele contribuiu valiosamente com dicas sobre a formatação desta tese! Obrigada, Pedro, por tudo o que você fez!

Ao meu pequeno Dante, o meu filho de 2 anos, o menino do sorriso mais lindo que já vi! Entre leituras e produções escritas, também havia muitas brincadeiras com ele para suavizar as tensões do cotidiano. Leveza que as crianças nos trazem espontaneamente e que são tão necessárias às nossas vidas.

Ao meu irmão Daniel, à minha cunhada Denise, aos meus sobrinhos Matheus e Mariana pelos momentos de lazer e agradável convivência familiar. Agradeço, também, por compreenderem as minhas ausências enquanto estava desenvolvendo esta pesquisa.

Às minhas amigas queridas que estão sempre presentes e pelo apoio constante: Thaís Teixeira, Mônica Teixeira, Solange Marques e Renata Santos! A amizade de vocês é muito importante para mim. Ter amigos é fundamental para viver uma vida mais saudável.

Aos meus colegas de curso pela agradável convivência em todas as tardes de sexta-feira! Foram sextas de muitas discussões frutíferas sobre LSF e sobre a vida! Tudo isso com muita seriedade e pitadas de bom humor! Além disso, sou grata ao chá de bebê que me foi feito no final de 2018, no final de um dos nossos semestres! Fiquei muito emocionada com esse gesto da turma na minha gravidez. Certamente, todos esses dias serão inesquecíveis e sentirei falta de todos e dos momentos compartilhados.

À Camila Matos Venesiano Nunes, colega de doutorado, pelas trocas de experiências pessoais, profissionais e acadêmicas, pelo ombro amigo para escutar eventuais desabafos e por colocar-se sempre à disposição para estender-me a mão.

À professora Dra. Sumiko, por ter aceitado ser minha orientadora com o meu projeto sobre charges políticas. Agradeço imensamente por todas as orientações, as devolutivas do trabalho sempre muito rápidas e os conhecimentos compartilhados com serenidade e sabedoria.

Aos professores doutores que integraram as bancas de qualificação - Profa. Dra. Viviane Yamane Cunha, Professor Dr. Marcelo Saperas e Professor Dr. Tony Berber Sardinha. As sugestões dadas ao longo das três qualificações contribuíram significativamente para o enriquecimento deste trabalho.

Aos professores doutores que aceitaram o convite para a participação da banca de defesa: Profa. Dra. Viviane Yamane Cunha, Professor Dr. Marcelo Saperas, Profa. Dra. Flaminia Manzano Moreira Lodovici, Profa. Maximina Maria Freire. E Professor Dr. Tony Berber Sardinha e Professora Dra. Cláudia Moreira dos Santos que confirmaram suas participações como suplentes.

À secretária Maria Lúcia, sempre presente, disposta a auxiliar os pós-graduandos seja por email seja por telefone. É bom poder contar com pessoas assim: solícitas e eficientes!

À CAPES pela bolsa de estudos concedida, recurso essencial para a concretização deste sonho!

*“O bom humor é a única qualidade
divina do homem.”
(Arthur Schopenhauer)*

RESUMO

A comunicação da mídia multimodal contemporânea é usada em todos os lugares, por quase todos os falantes, e ainda assim permanece opaca em termos de seus efeitos sociais. O que pensar sobre texto e sobre o significado dele decorrente em um mundo em que entidades semióticas multimodais começam a dominar o cenário da comunicação? A perspectiva sociossemiótica da linguagem, ao utilizar o prefixo sócio, não o incorpora por uma simples mudança de nomenclatura, mas toma uma posição ao apontar a noção de sócio para o sistema social, ou seja, para a cultura. A acepção de cultura é tida como um conjunto de sistema semiótico, um conjunto de significados que se interrelacionam. Assim, sempre que consideramos conjuntos multimodais ou complexo de signos, podemos questionar: qual modo carrega maior peso funcional em relação a outros? Como cada modo contribui para o significado que está sendo construído? Como os recursos semióticos são disponibilizados para os produtores de signos e por quem? O objetivo desta tese de doutorado é a análise de charges multimodais, examinando a função persuasiva do humor e da ironia sob o olhar da metáfora e da metonímia, com o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional. A charge é uma representação pictórica de natureza caricatural não só de acontecimentos, mas também, de personalidades, enfocando fatos políticos, históricos e sociais, de caráter polêmico ou não, que circulam diariamente nas mídias nacionais e internacionais. A metáfora conceptual envolve sempre um grau de perspectivação, quando certos traços são realçados enquanto outros permanecem obscurecidos; a metonímia conceptual graças ao seu caráter indicial é um processo cognitivo que evoca um *frame*, permitindo ao endereçado inferir o conteúdo implícito da mensagem por meio de pistas verbo-visuais, com apoio do seu conhecimento cultural e do contexto imediato de comunicação. A análise das charges apoia-se na relação conceptual entre metáfora e metonímia, já que as metáforas precisam necessariamente de metonimizacões subjacentes. A pesquisa mostra que as charges realizam a persuasão via união entre humor e ironia, contando para tanto com o *frame* metonímico instigado pelas escolhas lexicais feitas pelo autor do texto, permitindo ao leitor, em sua interação com a charge, recuperar a metáfora conceptual, meta da persuasão.

Palavras-chave: Charge multimodal. Humor e Ironia. Metáfora e Metonímia. Linguística Sistêmico-Funcional. Gramática Sociossemiótica Visual.

ABSTRACT

Contemporary multimodal media communication is used everywhere, by almost all speakers, and yet remains opaque in terms of its social effects. What to think about text and the meaning of it arising in a world in which multimodal semiotic entities begin to dominate the communication scenario? The socio-semiotic perspective of language, when using the socio-prefix, does not incorporate it by a simple change of nomenclature, but takes a position by pointing out the notion of partner for the social system, that is, for culture. The meaning of culture is considered as a set of semiotic system, a set of meanings that interrelate. Thus, whenever we consider multimodal or complex sets of signs, we may ask: which mode carries greater functional weight compared to others? How does each mode contribute to the meaning being built? How are semiotic resources made available to sign producers and by whom? The objective of this doctoral thesis is the analysis of multimodal cartoons, examining the persuasive function of humor and irony from the point of eye of metaphor and metonymy, with the support of Systemic-Functional Linguistics. The cartoon is a pictorial representation of a caricature not only of events, but also of personalities, focusing on political, historical and social facts, of a controversial or not nature, which circulate daily in national and international media. Conceptual metaphor always involves a degree of perspective, when certain traits are highlighted while others remain obscured; conceptual metonymy thanks to its indicial character is a cognitive process that evokes a frame, allowing the addressed to infer the implicit content of the message through verbal-visual cues, with the support of their cultural knowledge and the immediate context of communication. The analysis of the cartoons is based on the conceptual relationship between metaphor and metonymy, since metaphors necessarily need underlying metonymizations. The research shows that the cartoons perform persuasion via the union between humor and irony, recounting for so much the metonymic frame instigated by the lexical choices made by the author of the text, allowing the reader, in his interaction with the cartoon, to recover the conceptual metaphor, goal of persuasion.

Keywords: Charge multimodal. Humor and Irony. Metaphor and Metonymy. Systemic-Functional Linguistics. Visual Sociosemiotic Grammar.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Tipos de processos na LSF	38
QUADRO 2 – Metafunção interpessoal	39
QUADRO 3 – Modalidade (Entre o sim e o não)	39
QUADRO 4 – Metafunção interpessoal: análise	40
QUADRO 5 – Exemplos de avaliatividade	41
QUADRO 6 – O sistema de avaliatividade	42
QUADRO 7 – Redundância	42
QUADRO 8 – As metarrelações	45
QUADRO 9 – As categorias de análise da imagem	49
QUADRO 10 – Resumo das teorias	54
QUADRO 11 – Análise do enunciado verbal da charge Matusalém	60
QUADRO 12 – Análise do enunciado verbal da charge Desemprego	66
QUADRO 13 – Análise do enunciado verbal da charge E daí?	72
QUADRO 14 – Análise do enunciado verbal da charge O GRITO pelo Pantanal.....	78

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Charge Matusalém	59
FIGURA 2 – Charge Desemprego.....	65
FIGURA 3 – Charge E daí?	71
FIGURA 4 – Charge O Grito pelo Pantanal.....	77
FIGURA 5 – O Grito, Edvard Munch.....	78

LISTA DE ABREVIATURAS E DE SIGLAS

LC	Linguística Crítica
LSF	Linguística Sistêmico-Funcional
SS	Semiótica Social

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
1.1 Gêneros textuais como formas de ações sociais.....	20
1.1.1 A charge	21
1.1.2 O cartum	23
1.1.3 A caricatura	25
1.2 O riso e o risível.....	26
1.3 Ironia.....	29
1.4 A persuasão.....	32
1.5 A intersubjetividade.....	33
1.6 Linguística Sistêmico-Funcional.....	35
1.6.1 Metafunção ideacional: Transitividade	36
1.6.2 Metafunção Textual	38
1.6.3 Metafunção Interpessoal: Modalidade	39
1.7 O sistema de avaliatividade.....	40
1.8 Metarrelações.....	44
1.9 Multimodalidade e Gramática Sociosemiótica.....	46
1.10 A análise das charges multimodais.....	47
1.11 Metáfora.....	49
1.12 Metonímia.....	52
2 METODOLOGIA	56
2.1 Dados.....	56
2.2 Procedimentos de Análise.....	58
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS CHARGES	59
3.1 Matusalém.....	59
3.1.1 Contexto situacional	59
3.1.2 Análise e discussão do enunciado verbal	60
3.1.3 Análise e discussão da imagem e da cor	61
3.1.4 Análise e discussão da metáfora	63

3.1.5	<i>Discussão geral da análise</i>	64
3.2	Desemprego.....	65
3.2.1	<i>Contexto situacional – análise do registro</i>	65
3.2.2	<i>Análise e discussão do enunciado verbal</i>	66
3.2.3	<i>Análise e discussão da imagem e da cor</i>	67
3.2.4	<i>Análise e discussão da metáfora</i>	69
3.2.5	<i>Discussão geral da análise</i>	70
3.3	E daí?.....	71
3.3.1	<i>Contexto situacional – análise do registro</i>	71
3.3.2	<i>Análise e discussão do enunciado verbal</i>	72
3.3.3	<i>Análise e discussão da imagem e da cor</i>	73
3.3.4	<i>Análise e discussão da metáfora</i>	75
3.3.5	<i>Discussão geral das análises</i>	75
3.4	Salvem o Pantanal!.....	76
3.4.1	<i>Contexto situacional – análise do registro</i>	77
3.4.2	<i>Análise e discussão do enunciado verbal</i>	78
3.4.3	<i>Análise e discussão da imagem e da cor</i>	79
3.4.4	<i>Análise e discussão da metáfora</i>	81
3.4.5	<i>Discussão geral da análise</i>	81
4	DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS	83
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	86
	REFERÊNCIAS	88

INTRODUÇÃO

Determinadas situações discursivas podem ser inteiramente aceitas, ainda que sejam pouco entendidas, como ocorre com a presença constante de textos multimodais e de suas consequências significativas. Nesse sentido, a comunicação da mídia contemporânea pode ser um exemplo, já que é usada em todos os lugares, por quase todos os falantes, (mesmo no modo mais elementar – como os *checkouts* automáticos em supermercados), e ainda assim permanece opaca em termos de seus efeitos sociais, como apontam Adami e Kress (2014).

Acima de tudo, observam os autores, o fenômeno da multimodalidade move-se do centro de gravidade de inquietações linguísticas para as preocupações da semiótica. Quando estiverem em pauta os recursos que importam em termos de significado, então as ferramentas de uma disciplina e de seus satélites (sub)disciplinas não mais serão suficientes para fornecer um tratamento satisfatório para o material que tiverem em mãos e tampouco para as perguntas dele decorrentes.

Suponhamos, continuam os autores, apenas como parte da argumentação, que se queira dar uma explicação sobre o conteúdo de um *website*: dizer algo sobre seu gênero; talvez sobre a audiência e os tipos de subjetividades imaginadas de seus membros; ou talvez a descrição do estilo; discutir as proporções variáveis da escrita e da imagem, incluindo a cor. Os diferentes recursos que a linguística oferece não permitirão sequer iniciar qualquer incursão.

Diante disso, Adami e Kress (2014) pressupõem duas alternativas: é possível inventar categorias *ad hoc*, que seriam inseridas na linguística de acordo com a escolha do falante e ver aonde se chegaria; ou também se poderia dizer: “isto não é o tipo de situação em que se tem interesse; isto não é um texto” (p. 232). Porém, membros de uma ampla audiência que visitam um *website* para construir significado com os recursos oferecidos ali não têm nenhuma dificuldade de interpretar a mensagem aí contida.

A presente pesquisa procura investigar o significado contido em charges verbo-visuais em um mundo em que entidades semióticas multimodais começam a dominar o cenário da comunicação.

Assim, o objetivo desta tese de doutorado é a análise de charges multimodais, examinando a função persuasiva do humor e da ironia sob o olhar da metáfora e da metonímia, com o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional.

A charge é uma representação pictórica não só de acontecimentos, como também, de personalidades de natureza caricatural. Fatos políticos, históricos e sociais, de caráter polêmico ou não, circulam diariamente nas mídias nacionais e internacionais. E como a charge apresenta características de um texto opinativo e está acessível à sociedade, seus produtores expressam sua opinião ali de maneira crítica, humorística e sarcástica.

A charge tem um espaço considerável em um texto jornalístico opinativo, uma vez que atrai leitores com imagens, textos curtos com carga semântica intensa e informações concisas, além do humor e da ironia, geralmente presentes como ferramentas de crítica social, conforme Lima (2015).

O humor, por sua vez, é um recurso que pode expressar afeto positivo na interação, segundo Holmes (2000). Pode também facilitar ou licenciar intenções comunicativas interpessoais negativas. Enquanto a teoria da polidez pode explicar o primeiro, como um meio de expressar coleguismo no trabalho, por exemplo, ou de atenuar desequilíbrio de poder, essa teoria na sua forma padrão não explica o humor mordaz, competitivo ou de confronto. Para tanto é necessário olhar para “o lado obscuro da polidez” (AUSTIN, 1990).

Considera-se, em geral, que o humor deva ser divertido, mas ele pode também servir a uma série de funções mais complexas. O humor cria e mantém, por exemplo, solidariedade ou coleguismo; ele pode suavizar atos ameaçadores da face tais como ordens, e atos de fala de afetividade negativa, como críticas e insultos. Em todas essas funções, o humor contribui para a coesão social em diversos ambientes. O humor é sensitivamente orientado para as necessidades de face dos participantes. É um meio dinâmico de expressar e construir solidariedade, e uma estratégia efetiva para reduzir ofensas potenciais.

Com referência à ironia, alguns linguistas, segundo El Refaie (2005), notaram que a dissensão social é comumente articulada por meios bem semelhantes à linguagem dominante. Por essa razão, há dificuldade de se achar outra linguagem para expressar a dissensão social. É aqui que a ironia se faz presente. O que confere à ironia seu potencial subversivo é o fato de que, enquanto um comentário irônico pode também estar intimamente relacionado a maneiras dominantes de falar sobre

algum evento, ele simultaneamente vai além e subverte as próprias atitudes e opiniões que emite. A ironia pode, desta maneira, estimular os leitores a se conscientizarem e julgarem o que seria, de outro modo, aceito sem questionamento: por isso, essa consciência não inventa uma linguagem de dissensão completamente nova.

A análise das charges tem o apoio da relação entre metáfora e metonímia conceituais. A análise da metáfora deveria ser um componente central da análise crítica do discurso, afirma Charteris-Black (2004), já que as metáforas são usadas persuasivamente para expressar avaliação, e por isso constituir parte da ideologia dos textos. Kress e Hodge (1993, p. 15) propõem que “a ideologia envolve uma apresentação sistematicamente organizada da realidade”, ao que Charteris-Black acrescenta o fato de ser a metáfora vital na criação dessa apresentação da realidade.

A importância da metáfora conceptual está sendo cada vez mais reconhecida e estudada por linguistas cognitivistas, na medida em que as pesquisas têm provado consistentemente que as metáforas envolvem sempre um grau de perspectivação, quando certos traços são realçados enquanto outros permanecem obscurecidos, envolvendo: classe social, composição étnica, rivalidade religiosa, partidos políticos, influência militar e corporações.

Por seu lado, a metonímia é considerada fundamental na construção do significado verbo-visual, pois além de icônica, é também indicial, tanto para representação de objetos e eventos quanto de conceitos abstratos. Como índice, a metonímia é um processo cognitivo que evoca um *frame*, permitindo ao endereçado inferir o conteúdo implícito da mensagem por meio de pistas verbo-visuais, com apoio do seu conhecimento cultural e do contexto imediato de comunicação.

A análise de charges tem o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (HALLIDAY, 1995; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), bem como o da Gramática Sociossemiótica Visual (KRESS, 2010 e Van LEEUWEN, 2001).

Esta tese responde às seguintes perguntas: (a) Como é feita a persuasão via humor e ironia nas charges verbo-visuais? (b) Qual é o papel da metonímia e da metáfora nesse processo? (c) De que modo a LSF pode apoiar essa análise?

A tese insere-se no Grupo de Pesquisa ACLISF (Análise Crítica, Linguística Crítica e Linguística Sistêmico-funcional), do LAEL¹/PUC-SP, cadastrado no CNPq. e coordenado pela profa. Sumiko N. Ikeda. Seguem algumas pesquisas realizadas pela

¹ LAEL: Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

equipe da ACLISF: Moura (2019): *O metadiscorso e a propaganda via slogan: Um enfoque sistêmico-funcional*; Bolze (2016): *A metáfora ideológica e a persuasão – Um enfoque crítico da GSF*; Saporas (2012): *Representações metafóricas em títulos de filmes americanos e suas traduções p/o português: Um enfoque sistêmico-funcional*; Vallezi (2018): *Metáfora e Metonímia e a Ideologia em O Ateneu, de Raul Pompéia - Um Enfoque Crítico da GSF*.

Esta tese está assim estruturada: Introdução, que apresenta, em linhas gerais, o tema da pesquisa, a sua justificativa e o seu conteúdo. Além disso, há informações sucintas sobre alguns dos autores consultados para o desenvolvimento deste trabalho; 1. Fundamentação teórica, que aponta as principais teorias que embasam as análises realizadas neste estudo, dentre elas, a LSF e a teoria sociossemiótica de Halliday (2004), a gramática visual de Kress e Leeuwen (2006), entre outras; 2. Metodologia, que indica as perguntas de pesquisa, a coleta de dados e os procedimentos adotados para a realização das análises das charges; 3. Análise e discussão dos resultados, seção que demonstra como as teorias são aplicadas em charges; e por fim, Considerações Finais, capítulo que encerra a tese e aponta a relevância deste estudo, sobretudo às aulas de língua portuguesa.

Justificativa de pesquisa

A escolha deste tema foi motivada pela curiosidade e pelo interesse em entender os aspectos constituintes do texto chárstico – palavras, imagens e cores - principalmente em compreender como esses elementos podem ser empregados como estratégia de persuasão sob a perspectiva da LSF, de Halliday (2004) e a gramática visual, de Kress e Van Leeuwen (2010).

Outras pesquisas realizadas sobre charges apresentam embasamento teórico proveniente da Análise do Discurso francesa e, não se atêm ao exame da microestrutura linguística, embora procurem demonstrar como se dá a construção discursiva no texto chárstico.

Por isso, adotou-se a Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday (1994), uma proposta teórico-metodológica que relaciona as escolhas léxico-gramaticais da microestrutura do texto à macroestrutura da ideologia e das relações de força do discurso.

É papel do educador propiciar estratégias de ensino que capacitem os educandos a ler textos criticamente. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pretende-se que os jovens incorporem em suas vidas a prática de escuta, de leitura e de produção de textos pertencentes a diversos gêneros em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos. (BRASIL, 2017, p. 519).

Por outro lado, a multimodalidade está cada vez mais incorporada ao currículo escolar, e, assim, é preciso abordá-la no trabalho educacional. Além do conhecimento prático, nossos alunos precisam ter acesso a ferramentas analíticas que tornem as potencialidades e os limites dessas modalidades mais aparentes e mais suscetíveis a desafios e ao seu redesenho onde necessário. Nossos programas de letramento precisam facilitar o trabalho metassemiótico dos nossos alunos.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta inicialmente as noções analisadas nesta tese, a saber: a charge, o humor, a ironia, a persuasão e a multimodalidade, para, a seguir, tratar do arcabouço teórico-metodológico que ampara a análise do gênero charge multimodal: a relação metonímia-metáfora com apoio da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) e da Gramática Sociossemiótica Visual.

1.1 Gêneros textuais como formas de ações sociais

A língua está presente em qualquer esfera da atividade humana, e essas esferas, em geral, estão inseridas em enunciados concretos e únicos. Cada uma delas cria os seus tipos relativamente estáveis de enunciados, que o linguista russo denomina gêneros do discurso (BAKHTIN, 1992).

Ao definir gênero como uma prática relativamente estável, Bakhtin (1992) se refere a formas linguísticas que são maleáveis, plásticas e que acompanham o sujeito no seu processo de evolução, nas possibilidades e nas necessidades que surgem em decorrência dos avanços sociais, culturais, econômicos e tecnológicos. Os gêneros discursivos são práticas comunicativas nas quais os textos se materializam, uma vez que a comunicação e a interação acontecem por meio deles. Por isso, os gêneros devem ser considerados dentro da dimensão espaciotemporal.

Os gêneros discursivos são elaborados conforme o uso que se faz da língua (hoje classificado como domínio discursivo), conforme assevera Bakhtin (1992). Dentro dele, há gêneros que se associam segundo suas funções comunicativas institucionalizadas. Por exemplo, os artigos de opinião e os editoriais pertencem ao domínio jornalístico; já os cartuns e as histórias em quadrinhos estão inseridos no domínio humorístico; e a charge, por sua vez, está localizada em dois domínios: o jornalístico e o humorístico.

Cavalcanti (2008) analisa historicamente o surgimento dos gêneros, e, de acordo com os seus estudos, a diversidade dos gêneros limitava-se à sociedade de cultura predominantemente oral. Somente, no século VIII, surgem os gêneros particulares da escrita, que crescem com o avanço da imprensa. A autora destaca o fato de que, a partir da era da cultura eletrônica, houve um aumento no número de

gêneros, impulsionado por novas necessidades comunicacionais. Assim é com as charges virtuais, que podem contar com recursos de animação e de som, resultado da criatividade humana e das inovações que conduzem os gêneros para novos caminhos.

Alguns autores admitem as diferenças entre os gêneros charge, caricatura e cartum. Contudo, há autores que consideram a charge e a caricatura como pertencentes ao mesmo gênero. Os estudiosos de imagens, por sua vez, classificam a caricatura e a charge como gêneros distintos.

A escolha do gênero charge nesta pesquisa deve-se às características apontadas por Riani-Costa (2002) e Cavalcanti (2008) que, entre outras, está o fato de a charge trazer entre o riso e a crítica a assuntos pautados em fatos reais, atuais e que tenham acontecido, recentemente, na política, na economia, na cultura, etc.

Por outro lado, mesmo sendo a charge o gênero escolhido para exame nesta tese, a sua comparação com o cartum e a caricatura pode ser esclarecedora para a compreensão dessa escolha. Assim, serão, a seguir, apresentados esses três gêneros.

1.1.1 A charge

O termo charge é oriundo da língua francesa e significa carregar, exagerar, marcar acentuadamente algo ou alguém, cuja marcação ocorre em contextos políticos, sociais e culturais. Para Miani (2000), a charge é herdeira da caricatura, enquanto representação humorística e irônica. A forma e o conteúdo da charge, assim como os traços, as cores, o cenário e o exagero do desenho sobre as personagens que, geralmente, são personalidades públicas no exercício político e de representatividade social, são as características que compõem sua singularidade enquanto gênero e discurso (TOLEDO, 2016).

Para Lima (2015), o chargista possui um estilo próprio de escrita e demonstra em suas charges a forma como percebe o mundo e o modo como ele deseja que os seus leitores o percebam. As charges apresentam-se tanto por meio de imagens, quanto combinando imagens e texto. Muitos pesquisadores e estudiosos de áreas distintas já se debruçaram sobre a investigação acadêmica do texto chárgico, como:

Miani, (2000); Oliveira, (2001); Mouco, (2007); Cavalcanti, (2008); Lima, (2015) e Toledo, (2016).

A charge é um enunciado que representa um assunto conhecido dos leitores, expresso por meio de linguagem verbal e não-verbal. A linguagem verbal tende a aparecer em balões, ora representando a fala, ora representando o pensamento dos personagens. Também é comum o uso de legendas ou de representação de ruídos e de sons (onomatopeias). Fatos políticos, históricos e sociais, de caráter polêmico ou não, circulam diariamente nas mídias nacionais e internacionais. E como a charge apresenta características de um texto opinativo e está acessível à sociedade, seus produtores expressam sua opinião ali de maneira crítica, humorística e sarcástica.

Esse gênero têm um espaço considerável em veículo jornalístico opinativo, uma vez que atraem leitores com imagens, textos verbais curtos com carga semântica intensa e informações concisas. Além disso, o humor está presente como ferramenta de crítica social e serve não só para reproduzir estruturas sociais, como também para alterá-las (LIMA, 2015).

As charges ganham mais quando a sociedade atravessa períodos de crise, como observa Oliveira (2001). É a partir de situações reais que o artista tece a sua crítica. Por esse motivo, diferentemente do que se possa pensar, a interpretação da charge requer certa competência de análise discursiva para entender o que se vê, relacionando-os ao contexto sociocircunstancial, para assim ser possível inferir-lhe o sentido subjacente (OLIVEIRA, 2015).

Além disso, como mostra Ramos (2007), a discussão da charge e de suas argumentações particulares pressupõe que o texto esteja atrelado a situações de uso, decorrente da analogia que o leitor/ouvinte faz entre o que está no texto com o que está no mundo real, ou seja, o que irá servir-lhe de parâmetro para a construção de sentido.

Oliveira, Santos e Borges (2013) consideram esse tipo de texto imprescindível aos órgãos de imprensa, pois não se trata somente de uma ilustração que retrata uma notícia, mas seu conteúdo conduz o leitor à reflexão de temas controversos. Embora apresente aspecto despretensioso, a charge funciona como um instrumento de conscientização porque proporciona crítica social ao mesmo tempo em que diverte, informa e denuncia ao mesmo tempo. Por esta razão, pode ser considerado como um recurso discursivo e ideológico, pois além de conscientizar o leitor, pode, também, gerar o exercício de cidadania, conforme a pesquisa de Lima

(2015). É mister frisar que o texto chágico não está limitado somente ao caráter humorístico. Para a construção do sentido, o leitor, deve fazer inferências com base nas imagens e no contexto no qual está inserido, já que que o sentido será construído de acordo com fatores tanto internos quanto externos.

Ainda com base nos estudos de Lima (2015), as charges, como um gênero textual, apresentam todos os traços típicos de um texto de humor, a saber: a ausência de medo ou piedade, o exagero, o inusitado, a metáfora e a superioridade.

Segundo as observações de Lima (2015), não se pode rir de alguém que se teme. O riso, pois, ataca, expõe e desqualifica o seu objeto. Já o exagero pode piorar uma dada imagem, pois o humor neste caso aponta, de forma exagerada, as deficiências internas ou externas de algo ou de alguém. O inusitado se apresenta de modo ilógico, contrariando o que se acredita ser verdade. A metáfora iconiza sentidos, processo altamente metalinguístico. Por fim, a superioridade, uma das razões do riso, enfatiza a premissa de Hobbes, ou seja, um indivíduo se sente superior em relação aos outros, o que expressa, conforme Alberti (2002), a relação de poder entre eles.

Lima (2015) ainda aponta quatro variantes essenciais do humor: o humor autodepreciativo (emprega as próprias imperfeições para provocar o riso), o humor corrosivo (implacável com o outro), o humor agregador (uso de tiradas humorísticas que são bem-vistas) e o humor do tipo de bem com a vida (sujeito que procura enxergar o ponto positivo das situações).

Com base nas noções apresentadas, a charge, enunciado de gênero híbrido, pois é constituído de imagem e de texto, é um produto cultural do campo da comunicação que promove a mediação de uma interação entre seu produtor e seu público-alvo. Acrescenta-se ainda, que, a charge oferece um debate sobre o cotidiano do qual o chargista e o leitor fazem parte.

Na sequência, são apresentados os conceitos sobre cartum.

1.1.2 O cartum

A palavra cartum é oriunda de *cartone* da língua italiana e significa gabarito de papelão para esboçar desenhos em murais. Para os ingleses, *cartoon*, era um papelão duro ou um cartão. Segundo Moretti (2012), qualquer figura desenhada em

um cartão era um *cartoon* e o *cartoonist* era o desenhista de cartazes, maneira de fazer anúncios quadrados ou retangulares em apenas um lado do papel.

De acordo com os estudos de Lemos e Souza (2014), o cartum surgiu na Inglaterra no momento em que o príncipe Albert Saxe-Goburgo-Gota (1819-1861) foi nomeado presidente da Comissão Real de Belas Artes. Ele, então, decidiu redecorar o Palácio de Westminster e convidou diversos artistas para a produção de *cartoons* nos murais. Em 1843, uma exposição aberta ao público foi feita, e os *cartoons* foram duramente criticados pelos visitantes.

A Revista *Punch* (Soco) aproveitou a oportunidade para atingir os políticos locais ao publicar uma versão parodiada do gênero, sobretudo os de John Leech. A partir daí, a palavra *cartoon* ficou associada a situações cômicas. Os leitores demonstraram grande entusiasmo com a leitura desse tipo de conteúdo e as publicações passaram a ser regulares. Lemos e Souza (2014) afirmam que há duas subdivisões para o cartum no Brasil: a charge e a tira cômica. Para os autores, essa subdivisão inexistente em Portugal.

De acordo com Riani-Costa (2002) e Cavalcanti (2008), a compreensão do cartum pelo leitor pode ocorrer em qualquer tempo porque o texto não faz necessariamente referência a conteúdos temáticos determinados. Além disso, as personagens podem ser desconhecidas no meio social, político e cultural, diferentemente do que ocorre com a charge.

O cartum, é, nas palavras de Moretti (2012):

... uma piada desenhada que não se prende a épocas, locais e seus personagens não precisam ser permanentes. Podem ser objetos, animais, figuras humanas, caricaturas e podem expressar pensamentos e ações em forma de crítica política ou de costumes, esportiva, religiosa, social. E diz ainda. O cartum típico tem personagens universais: bruxas, verdugos, caçadores, pescadores, astronautas, marcianos, sogras, figuras reconhecidas de imediato pela maioria das pessoas (MORETTI, 2012, p. 11).

Cavalcanti (2008) destaca o meio fantasioso dos cartuns e afirma que não possuem limites de tempo ou de espaço. Para Pagliosa (2005, p. 116), “o cartum é voltado para a crítica de costumes, focalizando uma realidade genérica e por isso mesmo atemporal, isto é, desconhece os limites do tempo que a crítica a personagens, fatos e acontecimentos políticos impõem”.

O cartum expõe a opinião, e ponto de vista em um desenho, que pode, ou não, ser acompanhado de legenda. Também pode ser considerado uma forma de levar ao público leitor, de maneira diferenciada e rápida, o debate sobre os mais variados temas da atualidade. Cartum é um recurso jornalístico, como o do Pasquim, de Ziraldo. Esse tipo de gênero jornalístico empresta das artes plásticas, os elementos necessários para a apresentação ágil da mensagem transmitida pelo interlocutor. O grafismo, utilizando-se do humor, satiriza situações, momentos e pessoas.

A seguir, informações sobre a caricatura.

1.1.3 A caricatura

A palavra caricatura é oriunda do italiano *caricare*, que significa carregar, exagerar, aumentar algo em proporção. A caricatura está relacionada à distorção anatômica e revela traços da personalidade daquele que é retratado e apresenta, em geral, uma intenção zombeteira.

Nas palavras de Melo (2003, p. 167), “a caricatura é a representação da fisionomia humana com características grotescas, cômicas ou humorísticas”. O autor destaca, ainda, que a caricatura é um retrato humano ou de objetos que exacerba ou suaviza traços, evidencia detalhes ou aponta defeitos. A arte do caricaturista está associada à captação do pormenor, que pode ser imperceptível, e deixá-lo notório a todos por meio da ampliação de suas dimensões. Segundo Gawryszewski (*apud* ARRIGONI, 2011), a caricatura não visa propriamente a crítica e o exagero na retratação de algo ou de alguém pode provocar ou não o riso.

A caricatura sempre esteve associada à crítica já que os traços mais evidentes de uma situação ou de um indivíduo estão ali e foram escolhidos por uma razão específica. Por exemplo, uma caricatura de Hitler ou de Pinochet, além de apontar o exagero fisionômico, sugere a manifestação dos traços de personalidade do sujeito (ARBACH, 2011).

O primeiro título dedicado aos estudos da caricatura é “*Rules for drawing caricatures with essay on comic painting*”, do capitão Francis Grose, lançado em 1788 em Londres, segundo Oliveira e Almeida (2006). Para Grose (1788), a caricatura representava um dom perigoso, pois era entendida como um tipo de tribunal que julga, sem compaixão. Na caricatura, os leitores são como um grande júri em que o

caricaturista representa o promotor e a opinião pública dá a sentença (OLIVEIRA; ALMEIDA, 2006).

Graças a fatores socioculturais, segundo Melo (2003), a caricatura passou a ser presente nos jornais. O avanço tecnológico dos meios de produção gráfica e a popularização do jornal como veículo de comunicação coletiva contribuíram com a reprodução de desenhos nas páginas dos jornais. O autor pontua que o jornal francês *La Caricature*, produzido em 1830, foi um dos pioneiros na técnica. Os desenhos eram publicados naquela época com o objetivo de complementar a sua escrita verbal.

Em sua pesquisa, Arrigoni (2011) afirma que uma boa caricatura fornece aspectos para a interpretação de uma determinada fisionomia e que o leitor se lembrará dela por muito tempo. Além disso, a situação ou aquele que foi caricaturado sempre carregará consigo uma imagem de homem enfeitado.

Após termos feito a distinção entre charge, cartum e caricatura, é conveniente explicar que o gênero charge foi o escolhido como objeto de estudo, pois escolhemos tratar de charges políticas. O trabalho com as charges em sala de aula requer leituras e pesquisas em outros gêneros textuais com o objetivo de aprender sobre o contexto de produção das charges.

O cartum é um gênero que não relaciona, necessariamente, conteúdos temáticos específicos e as personagens tampouco podem ser conhecidas nos meios, segundo Riani-Costa (2002) e Cavalvanti (2008). Miani (2005) considera a caricatura como um elemento constituinte dos textos chárgicos.

Um elemento que vem sendo estudado como componente da persuasão e da intersubjetividade, presentes nas charges, é o humor, descrito na próxima seção.

1.2 O riso e o risível

O riso é considerado um traço distintivo do ser humano. Por meio de textos com características de humor, é possível evocar interpretações de naturezas diversas, tais como: linguística, sociológica, psicológica ou antropológica. Como foi apresentado por Lima (2015), o riso sempre constituiu uma incógnita na história do pensamento ocidental. Por esta razão, cabe entender, de forma geral e sucinta, a percepção conceitual do riso historicamente.

Tanto na Antiguidade como na Idade Média, o riso aparentava a volta ao caos original, pois a desordem tinha um papel crucial para a recriação organizada do mundo e para reforçar as normas. Neste cenário, o riso era conservador e ria-se da moralidade e da política.

No decorrer da Idade Média, outro contexto propício ao humor se instaurou: o riso estava agora vinculado com a cultura cômica, com as festas populares e fazia oposição às convenções e ao religioso. A imperfeição, a corrupção e as figuras arruinadas por alguma razão eram passíveis de riso.

Lima (2015) aventa que o riso na Idade Média representa uma sensação social e universal, pois o indivíduo experiencia a sequência da vida em praça pública, junto à multidão. Com isso, sente-se pertencendo a um grupo de pessoas em estado latente de crescimento e de renovação.

Já no Renascimento, o riso era mais agressivo, a zombaria mais maldosa e a ironia mais cruel decorrentes dos grandes medos, enfatiza Minois (2003). O mundo havia se tornado ameaçador. Naquele período, as regras existiam para serem infringidas; a hierarquia para ser desrespeitada; o sagrado para ser profanado. A loucura foi o retrato da escassez do homem. O louco era o bode expiatório, alvo de sarcasmos.

O homem do século XVIII entende que o controle do riso tem finalidade específica e consciente conforme Lipovetsky (2005). Tanto a ironia quanto o humor acabam por sofisticar o riso e suas manifestações coletivas tornam-se mais regradas. O riso perde o seu universalismo e passa a ser mais retraído.

O século XIX é marcado pela evolução da vida política com direção à democracia. Técnicas empregadas no jogo político são aprimoradas e lapidadas. Por isso, saber rir passa a ser sinônimo de nobreza, conforme as palavras de Lima (2015). O emprego da zombaria velada era comum nos debates revolucionários e por isso, o fortalecimento da caricatura ocorre nesta época. A caricatura é uma arma aguçada que o povo aplaude ao ver, nas palavras de Fonseca (1999) que também acrescenta que diversos aspectos são ridicularizados nas caricaturas, como por exemplo, a injustiça, a intolerância e o autoritarismo.

O humor do século XX esvazia o negativo como relata Lipovetsky (2005), posto que não há mais espaço para um riso carregado de excessos e de exuberâncias.

Ainda na perspectiva teórica de Lipovetsky (2005), o chargista, ao escolher produzir uma charge sobre a política atual, recorre ao bobo da corte que segue moldes distintos daqueles da monarquia. Vale lembrar que, na sociedade humorística, o espetáculo é o elemento preponderante e o político, personagem principal de diversos contextos, deve desempenhar uma comédia. Com base nisso, as charges fazem uso das caricaturas para a geração de sentidos a partir da ativação do *frame* dos leitores.

Holmes (2000) traz outro olhar para o humor. Para ele, é um recurso que pode manifestar afeto positivo na interação. Além disso, pode facilitar ou "licenciar" intenções comunicativas interpessoais negativas. Enquanto a teoria da polidez pode dar explicações sobre o primeiro, como um meio de expressar coleguismo, por exemplo, ou de atenuar desequilíbrio de poder, essa teoria na sua forma padrão não explica o humor mordaz, competitivo ou de confronto. Para tanto, é necessário olhar para "o lado obscuro da polidez" (AUSTIN, 1990).

Atualmente, humor é definido como "a qualidade de ser risível ou cômico" ou um "estado da mente, de disposição, de espírito". O humor é uma qualidade da percepção que capacita o indivíduo a experienciar alegria quando se depara com a adversidade: uma visão nova da realidade imediata torna-se acessível.

Nessa orientação de estudo do humor e de suas consequências sobre o indivíduo, há, inclusive, usos terapêuticos. Selye (1978, p. 109), um pesquisador da medicina psicossomática nos anos trinta, define estresse como "*the rate of wear and tear within the body*" (em tradução livre: a taxa de desgaste dentro do corpo) e ele se adapta à mudança ou à ameaça, sendo o estresse resultante do esforço de adaptação às circunstâncias. O humor é uma resposta específica ao estresse: por isso, os conferencistas o usam como *estratégia de hedging*, no intuito de conseguir a atenção de toda a audiência.

Hedges, de acordo com Swales (1990, p. 45), são "instrumentos retóricos para projetar honestidade, modéstia, e para *diplomaticamente criar espaço*". Portanto, o humor seria um instrumento de proteção deliberadamente elaborado pelo apresentador como um amortecedor entre ele e a audiência. A perspectiva fornecida por Hyland (1998) no seu livro *Hedging in Scientific Research Articles* é ao mesmo tempo complementar à proposta de Swales e contrária a ela: "[...] qualquer meio linguístico usado para indicar: (a) falta de comprometimento completo ao valor de verdade de uma proposição ou (b) o desejo de não expressar um compromisso de maneira categórica". Assim, complementa a proposta de Swales, já que o humor

ilumina uma das metas do *hedging*, i.e., o não comprometimento aberto, o que se torna possível se o apresentador (habilmente) criar um espaço. Diverge, já que ele aparentemente deixa de lado o impacto da falta de comprometimento completo e/ou o desejo de não expressar categoricamente o compromisso.

A ironia, que pode estar associada ao humor, é apresentada a seguir.

1.3 Ironia

Alguns linguistas observaram, segundo El Refaie (2005), que a dissensão social é, em geral, articulada por meios muito semelhantes à linguagem dominante. Pesquisas sobre “antilinguagem”, de Halliday (1978), por exemplo, que surgiram a partir de grupos socialmente excluídos, tais como aqueles pertencentes ao submundo do crime, revelam notável continuidade entre essas antilinguagens e a linguagem da maioria, já que fazem parte do mesmo sistema social. Da mesma maneira, em sua análise do debate sobre a imigração e minorias na Bélgica, Blommaert e Verschueren (1998) chegaram à conclusão de que a autoproclamada maioria tolerante, na verdade, apresenta o mesmo discurso da minoria racista, porque ambos não confiam na convivência da diversidade com a homogeneidade cultural.

Por isso, existe dificuldade de se encontrar uma nova linguagem para manifestar a dissensão social. É aqui que a ironia se faz presente, continua a autora. O que dá à ironia seu potencial subversivo é o fato de que, enquanto um comentário irônico pode também estar intimamente relacionado a formas dominantes de falar sobre algum evento, ele simultaneamente vai além e subverte as próprias atitudes e opiniões que cita. A ironia pode, assim, encorajar os leitores a se conscientizarem e avaliarem o que seria, de outro modo, aceito sem questionamento: assim, essa consciência não precisa inventar uma linguagem de dissensão completamente nova.

A linguística corrente e as teorias pragmáticas, em grande parte, situam a ironia em dois grupos principais, a saber:

(a) as teorias (neo)-griceanas, que entendem a ironia como uma linguagem não-literal, que viola uma (ou mais) máximas da cooperação conversacional e que em geral exprime o oposto da forma literal. O significado de um enunciado irônico é assim atingido via processamento e subsequente rejeição de um significado literal.

(b) as teorias que enfatizam a natureza “ecoica” da ironia - 'teoria eco' (KREUZ GLUCKSBERG, 1989; SPERBER; WILSON, 1981). De acordo com essa visão, um enunciado irônico cita sempre um enunciado de alguém – ou, às vezes, uma norma implícita – enquanto expressa simultaneamente uma atitude de desaprovação em relação ao enunciado ecoado. Contudo, como Attardo (2000) aponta, nem toda ironia é ecoica. Nem todas as menções são necessariamente irônicas.

Há uma dificuldade: as duas abordagens enfocam a ironia *verbal*, mas a ironia pode ocorrer de formas muito diferentes: verbais ou situacionais; intencionais ou não-intencionais; explícitas ou implícitas (MUECKE, 1982).

De acordo com Clift (1999, p. 523), a compreensão da ironia envolve a percepção de dois aspectos do significado ao mesmo tempo. A autora adota a distinção de Goffman (1979) entre animador, a pessoa que articula um enunciado, seu autor, a pessoa que o compõe, e seu principal, aquele que está comprometido com a proposição expressa no enunciado. A ironia, segundo a autora, emerge da manipulação deliberada dessas distinções – uma mudança de *footing* – pelo ironizador. Sinalizando um *frame* distante acerca do que é expresso, torna-se possível tanto afirmar quanto negar o que está no enquadre. A ironia, assim como o humor, apresenta uma perspectiva dupla que invoca simultaneamente tanto o que é, quanto o que poderia ou deveria ser.

A principal vantagem da abordagem de Clift é a capacidade de tratar de várias formas de ironia verbal e situacional, tanto para a expressão de ironia verbal quanto para a visual. Isso a torna relevante em especial para o estudo de El Refaie (2005), que inclui também exemplos de ironia visual num desenho animado e em fotografia de jornal.

Outras vantagens: A explicação de ironia de Clift (1999) tem uma vantagem sobre as teorias eco, porque embora não descarte a possibilidade de que o ironizador esteja diretamente citando ou ecoando alguém, evita o problema teórico da identificação da origem específica para cada enunciado irônico. No exemplo seguinte, o significado irônico emerge da combinação de uma ironia situacional e uma ironia verbal sem uma fonte claramente identificável.

Por trás de altos muros, eles realizaram uma reunião sobre o assunto de como erigir muros em volta da Europa rica: Os chefes de polícia e

especialistas de oito países [...] sentaram-se em casernas da polícia para debater medidas necessárias contra a entrada ilegal na Europa-CE Prometida.' (KURIER, 1998, p. 5)

Neste extrato, de uma reportagem do jornal *Kurier*, o autor usa uma metáfora comum da CE de uma EUROPA COMO A TERRA PROMETIDA para os refugiados que desesperadamente procuram asilo, mas a contrasta com uma analogia muito mais realista da Europa, com casernas circundadas por altos muros. Essa analogia contrastante é baseada na ironia situacional: a necessidade de os chefes de polícia se esconderem atrás de altos muros é um símbolo do medo exagerado europeu em relação aos imigrantes.

A teoria griceana não seria capaz de explicar adequadamente esse complexo exemplo de ironia, continua El Refaie (2005), que não significa uma simples violação de uma máxima de cooperação conversacional, para expressar o oposto da forma literal. Da mesma forma, as abordagens-eco da ironia também teriam dificuldade em analisar este exemplo de ironia, já que a referência da CE como uma Terra Prometida não representa eco de nenhum enunciado e, assim, não poderia ser descrita como uma desaprovação a um enunciado ecoado. Além disso, nenhuma das duas abordagens consegue capturar o papel desempenhado pela ironia situacional do texto.

Usando a abordagem de Clift (1999), é possível tratar tanto dos aspectos verbais quanto dos situacionais da ironia, ao mesmo tempo em que se evita o problema de encontrar a fonte específica da metáfora da EUROPA É A TERRA PROMETIDA. Nos termos de Clift, a descrição das medidas tomadas para afastar os refugiados cria um *frame* distanciador sobre a metáfora do PARAÍSO EUROPEU, que possibilita ao leitor ter uma dupla perspectiva da questão: as circunstâncias reais [negativas] são contrastadas com o que poderia ou deveria ser. Há também uma mudança de *footing* referente à proposição expressa nessa metáfora.

O jornalista, ao escrever o artigo, usa uma metáfora como se o seu significado expressasse a realidade. Mas, de fato, ele é apenas o animador, não o principal dessa expressão, já que o contexto deixa claro que o jornalista não se compromete com a metáfora, como se esta fosse uma descrição factual. Em vez disso, o termo parece representar a Europa como é percebida pelos que desejam fugir de seus países ou talvez como deveria ser em um mundo ideal. Essa atitude em relação à metáfora não é simplesmente de desaprovação; antes, ela parece envolver

atitudes conflitantes: de um lado, os leitores são convidados a entender que a visão da Europa como um paraíso é enganadora, revelando assim o desconhecimento dos refugiados; por outro lado, a atividade dos chefes de polícia nas casernas do exército é também representada como ligeiramente ridícula, assim implicando que a CE deveria tentar ser um pouco mais uma Terra Prometida para os refugiados.

Como os exemplos demonstram, a meta do enquadre irônico de um significado é, em geral, a entrega de uma avaliação implícita e um convite ao leitor/audiência para compartilhar da perspectiva do ironizador. Isso torna a ironia especialmente adequada para a tarefa de expressar a crítica, embora a avaliação implícita possa ser mais complicada e multinivelada do que uma pura desaprovação. Contudo, se não for identificada pelo receptor, a ironia simplesmente não é ironia. Cabe ressaltar que a ironia pode ser usada como estratégia de persuasão.

1.4 A persuasão

Iñigo-Mora (2007), ao tratar da perspectiva da psicologia discursiva, uma abordagem que analisa o discurso como uma atividade situada e orientada-para-ação (EDWARDS; POTTER, 1992 *apud* IÑIGO-MORA, 2007), mostra que o discurso é formado tanto pela expressão de pensamento, quanto pelo desenvolvimento de uma argumentação retórica persuasiva. Assim, segundo o autor, a psicologia discursiva estuda o modo pelo qual o discurso é construído e o modo pelo qual ele constrói versões do mundo.

Essa questão, se vista da perspectiva sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1994), pode ser considerada como produto da característica da linguagem humana de permitir diferentes escolhas léxico-gramaticais para falar de um mesmo assunto. O que caracteriza um sistema semiótico é que cada escolha no sistema adquire seu significado em relação a outras que poderiam ter sido feitas, mas não o foram. Em termos metonímicos, a escolha de um atributo em detrimento de outro pode expressar atitudes explícitas ou implícitas, positivas ou negativas, em relação a uma determinada entidade. Como já apontado, o termo *contrabandear informação* (LUCHJENBROERS; ALDRIDGE, 2007), é usado quando a escolha de uma informação é sub-repticiamente inserida no contexto linguístico e, desse modo, essa pequena porção de informação faz desencadear o *frame* inteiro a ela relacionado.

Nesse contexto, Kitis e Milapides (1997) mostram que a persuasão pode ser exercida por meio da convicção e da sedução. Não é preciso dizer que, para persuadir, as notícias e comentários precisam ser mostrados como verdadeiros e plausíveis pela incorporação de feições persuasivas (VAN DIJK, 1988). Porém, frequentemente, a persuasão se apropria da participação cognitiva do leitor no processo de aceitação da perspectiva do autor, casos em que se poderia falar de sedução em vez de convicção. Para Sornig (1988, p. 97), “a sedução, em vez de confiar na verdade e/ou credibilidade de argumentos, explora a aparência externa e a aparente confiabilidade do persuasor”.

Por outro lado, o questionamento das relações entre signo, significado e o contexto sócio-histórico, que governam a estrutura semiótica do discurso, é o interesse central da linguística crítica (doravante LC) (FOWLER, 1991). Enquanto o foco da análise do discurso tradicional está nos significados estabelecidos entre sentenças e enunciados; na LC, o foco está na *seleção* que é feita na construção de textos, em fatores que restringem e determinam essas escolhas (i.e., sua causa), e em seu efeito. A LC, portanto, envolve a análise ideológica do conteúdo textual implícito, e baseia-se na visão de que textos não são neutros como parecem; isso porque os processos sociais que levam a escolhas conscientes são escondidos ou feitos opacos na codificação linguística. Cabe entender o conceito de intersubjetividade, também ativado no processo de construção de sentido.

1.5 A intersubjetividade

Kärkkäinen (2006) afirma que a atitude no discurso não é a apresentação linguística transparente de “estados internos” de conhecimento, mas emerge da interação dialógica entre interlocutores. Assim, a atitude é mais apropriadamente vista de um ponto intersubjetivo, e não considerada primordialmente como uma dimensão subjetiva da linguagem.

A autora procura demonstrar que o posicionamento atitudinal/avaliativo no discurso emerge da interação dialógica entre interlocutores, afastando-se da ideia de que ele possa ser considerado uma apresentação linguística transparente de estados internos de conhecimento. Dessa forma, a atitude é mais apropriadamente

compreendida do ponto de vista da intersubjetividade do que como uma dimensão subjetiva da linguagem.

Kärkkäinen inicia sua proposta com uma definição linguística de subjetividade, com base em Finegan (1995). O autor afirma que:

a subjetividade é a expressão do *self* e a representação da perspectiva ou ponto de vista do falante (ou mais genericamente, do agente locucionário) no discurso o que tem sido chamado de “marca do falante”. (FINEGAN, 1995, p. 1)

A subjetividade, então, refere-se ao fenômeno que o falante, com suas atitudes ou crenças, faz-se presente nos enunciados que produz. Em outras palavras, no lugar de simplesmente descrever um evento ou apresentar uma declaração objetiva de algum evento ou estado de coisas, o falante representa um evento ou estado de coisas a partir de uma perspectiva específica.

Quando a perspectiva avaliativa - afetiva ou epistêmica - do falante se reflete em suas escolhas linguísticas, trata-se da função expressiva, emotiva, afetiva ou atitudinal da linguagem, em oposição à função referencial, cognitiva ou descritiva. As pesquisas estão começando a mostrar que não somente as categorias gramaticais, como: termos dêiticos, modo, modalidade, tempo verbal e evidenciais, são índices do ponto de vista ou atitude do falante, mas também que o uso da linguagem diária é inerentemente subjetivo, em muitos, senão na maioria dos casos.

Ochs e Schieffelin (1989, p. 22) mostram que o afeto permeia o sistema linguístico inteiro, de tal modo que os recursos linguísticos para a avaliação afetiva e epistêmica incluem, não somente o léxico, mas também as estruturas gramaticais e sintáticas. Por exemplo, escolha de pronomes, de determinantes, de voz verbal, de tempo e de aspecto verbais, de advérbios sentenciais, de *hedge*, de construções clivadas (*cleft*), de diminutivos, de aumentativos, de quantificadores, de ordem de palavras, de feições fonológicas e de estruturas discursivas.

É também, em geral, o caso de que os participantes não tratam da fala prévia puramente em seus próprios termos, mas eles a endereçam de um modo que seja relevante para seus propósitos subsequentes (GOODWIN; GOODWIN, 1987, p. 4). Como resultado, os participantes podem construir avaliações, modificando a avaliação imediatamente co-presente de um interlocutor dialógico (DU BOIS, 2000).

Outros termos têm sido usados para o domínio formal-nocional da impressão do falante e da perspectiva "subjativa"; a recente "avaliação" tem ganhado lugar como sinônimo (próximo) de subjetividade. Kockelman (2004) propõe a seguinte definição para os marcadores de avaliação: qualquer sinal que os membros de uma comunidade associam com a contribuição pessoal do falante para a construção do evento, em que "avaliações" são entendidas como tipos possíveis dessa contribuição pessoal.

Kärkkäinen (2006) considera uma visão de avaliação mais dialógica, dinâmica e emergente – considerando-a mais como uma característica da língua intersubjetiva do que subjativa. Ela se baseia no trabalho de Du Bois (2000, 2002, 2004, no prelo) que advoga a noção de avaliação envolvendo não somente a dimensão subjativa, mas também o compromisso intersubjetivo com outras subjetividades: "sem a intersubjetividade, a subjetividade é inarticulada, incoerente, disforme" (Du BOIS, 2004). Hunston e Thompson (2000, p. 143) também afirmam que "a expressão da atitude não é, como se costuma dizer, simplesmente uma questão pessoal (o falante "comentando" sobre o mundo), mas uma questão interpessoal em que a razão básica para adiantar uma opinião é eliciar a resposta solidária do endereçado".

A seção seguinte apresenta a Linguística Sistêmico-Funcional, proposta por Halliday (1994) e seus colaboradores considerada como sendo "um modelo multiperspectivo, designado a dar aos analistas lentes complementares para a interpretação da língua em uso (MARTIN; WHITE, 2005, p. 7).

1.6 Linguística Sistêmico-Funcional

A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é uma proposta teórico-metodológica de Halliday (1994), linguista britânico, e de seus colaboradores. Há quatro premissas subjacentes à LSF: o uso da língua é funcional; sua função é a construção de significados, sendo, portanto, semântico o seu propósito; os significados são diretamente influenciados tanto pelo contexto social como pelo cultural em que são intercambiados; e, por fim, o processo de emprego da língua é semiótico (EGGINS, 1994).

Para a LSF, a língua serve para construir três significados: ideacional,

interpessoal e textual. A metafunção ideacional está relacionada ao conteúdo da mensagem; a metafunção interpessoal trata das relações entre os interlocutores no ato linguístico; por fim, a metafunção textual está associada ao significado advindo da ordem das palavras no texto, à maneira como as pessoas estruturam a fala e a escrita, conforme os objetivos de comunicação.

Em outras palavras, o significado é apreendido das escolhas léxico-gramaticais, condição *sine qua non* para a LSF. Ao escolher um determinado termo no sistema linguístico, aquele que foi escolhido adquire um significado contra um fundo em que se encontram outras escolhas que poderiam ter sido feitas, mas não o foram. Para os systemicistas, o estudo da língua se faz em textos autênticos

Outra consideração basilar para a LSF é a interrelação entre língua e contexto. O contexto exerce papel fundamental na construção da organização discursiva e é social, ou seja, o gênero indica o contexto cultural e o registro representa o contexto situacional. Estudos recentes da LSF incluem o contexto ideológico.

O gênero é representado pelos processos sociais em estágios direcionados para um objetivo de uma cultura particular. Por exemplo, um relatório, uma contação de histórias, uma piada etc. Por essa razão, é denominado contexto de cultura. O registro está relacionado ao contexto de situação e está estruturado em consonância com as três variáveis contextuais: campo (assunto), relações (*status* dos interactantes) e modo (organização do texto).

O contexto ideológico tem sido retratado pela LSF recentemente. Coloca-se a ideologia em um nível superior de contexto, já que ela está relacionada a posições de poder, a vieses políticos e a suposições sobre valores, tendências e perspectivas que os interlocutores trazem para os seus textos. A Linguística Crítica (FOWLER, 1991), entre outras teorias, analisa os aspectos ideológicos subjacentes aos textos.

A seguir, será feita a descrição das metafunções, pela ordem: ideacional, textual e interpessoal.

1.6.1 Metafunção ideacional: Transitividade

Há distinção entre aquilo que vivenciamos agindo no mundo exterior e no mundo de nossa consciência (interior), incluindo percepção, emoção e imaginação

segundo as investigações de Halliday e Matthiessen (2004). A representação das nossas vivências exteriores corresponde a ações ou eventos, isto é, algo que nos acontece, e atores fazem algo acontecer. As vivências também podem ser constituídas de lembranças, de reações, de reflexões e de estados de espírito que são observados no nível da consciência. Além desses dois níveis de experiência, o indivíduo é capaz de estabelecer relações entre um e outro fragmento de sua vivência, ora por meio de identificação ora por caracterização.

Nessa perspectiva, Fowler (1991) sugere que a análise da transitividade pode oferecer intravisiões sobre as percepções do escritor sobre ações, eventos, situações, bem como os modos pelos quais a interpretação do leitor é orientada em determinada direção. Em última instância, ela permite ver como as estruturas linguísticas constroem ideologias específicas (FAIRCLOUGH, 1992).

O tratamento da transitividade na LSF é distinto em comparação ao que se estuda na gramática tradicional, pois nesta, a transitividade está associada à relação dos verbos com os seus complementos. Na LSF, a transitividade é um sistema composto por processos, participantes e eventuais circunstâncias.

A transitividade categoriza e avalia a infinita variedade de ocorrências em um conjunto de seis tipos de processo. A análise da transitividade possibilita mostrar as diferenças de como cada cultura expressa determinadas experiências.

Halliday (1994) sugere a classificação dos processos, conforme as representações de ações, de eventos, de estados da mente ou de estados de ser. Material, mental e relacional são os três tipos principais no sistema da transitividade do inglês, referindo-se respectivamente a ações ou eventos do mundo externo, à experiência interna da consciência e aos processos que classificam e identificam, respectivamente.

Nos limites entre eles, estão os processos: comportamental (que representam manifestações [processo material] de atividades internas [processo mental]), verbal (relações simbólicas construídas na consciência humana e em estados fisiológicos) e existencial (processos relacionados à existência).

O Quadro 1, que está na sequência, apresenta os processos (em maiúsculas), seus participantes e circunstâncias (sublinhados).

Quadro 1 - Tipos de processos na LSF

Processos	Participantes ligados ao processo
Material	<u>João</u> QUEBROU <u>a mesa</u> <u>com um soco</u> Ator Material Meta Circunstância
Comportamental	<u>João</u> [perdeu a cabeça e] SOCOU <u>a mesa</u> Comportante Comportamental Alcance
Mental	<u>Marta</u> ENTENDEU <u>o meu sofrimento</u> Experienciador Mental Fenômeno
Verbal	<u>O rapaz</u> CONTOU - <u>me</u> <u>sobre a difícil situação</u> Dizente Verbal Receptor Verbiagem
Relacional	<u>João</u> CONTINUA <u>abatido</u> Portador Relacional Atributo
Existencial	HOUVE <u>motivos</u> <u>com certeza.</u> Existencial Existente Circunstancial

Fonte: Halliday (1994)

A oração é uma mensagem que se concretiza, no nível léxicogramatical e está organizada na variável contextual modo, em um todo coerente, como aponta a metafunção textual.

1.6.2 *Metafunção Textual*

A metafunção textual organiza os significados ideacionais e interpessoais, para que a informação possa ser compartilhada pelo falante e seu interlocutor, proporcionando os recursos para guiar a permuta dos significados no texto (HALLIDAY, 1994). Assim, as condições textuais, tais como, tematicidade, novidade, continuidade, contraste e recuperabilidade são designadas por sistemas textuais.

De acordo com Halliday e Matthiessen (2004), que atribuem à organização textual a principal responsabilidade do desenvolvimento da informação, Figueredo (2006) mostra como organização temática influi na interpretação do leitor.

Tema, foco informacional, elipse-substituição e referência fazem contribuições complementares, guiando os ouvintes no processo de construir significado a partir do texto.

Cabe salientar que a oração, além de estar organizada como uma interpretação da realidade, também leva em consideração a interação entre falantes e ouvintes, como iremos notar na seção sobre metafunção interpessoal.

1.6.3 Metafunção Interpessoal: Modalidade

A oração, além de informar - metafunção ideacional - está organizada como um evento interativo - metafunção interpessoal - envolvendo falante (ou escritor) e audiência. Os tipos interpessoais fundamentais de papel de fala são apenas dois, para Halliday (1994): dar e pedir informação ou bens & serviços.

Além disso, a metafunção interpessoal abrange os sistemas gramaticais de: *mood* (sujeito + finito) e resíduo (predicador + complemento + adjunto circunstancial), como demonstrado no Quadro 2. O *mood* estabelece as relações entre papéis de falante e ouvinte, por meio de verbos modais ou adjuntos modais e, também o tempo primário e a modalidade.

Quadro 2 - Metafunção interpessoal

JOÃO PRECISA ESTUDAR A LIÇÃO HOJE		
MOOD		RESÍDUO
Sujeito	Finito	
(a) João	precisa (modalidade)	estudar a lição hoje. (predicador) (complemento) (circunstância)
JOÃO ESTUDAVA A LIÇÃO HOJE.		
(b) João	-va ² (tempo primário)	estuda- a lição. (predicador) (complemento)

Fonte: Adaptado de Halliday (1994)

A modalidade expressa a avaliação dos interlocutores sobre o conteúdo da mensagem, bem como do interlocutor (conforme resumo no Quadro (3)).

Quadro 3 - Modalidade (Entre o SIM e o NÃO)

DAR	PEDIR	Produto	MODALIDADE	
Informação		Proposição → (Informação)	Modalização	<u>Probabilidade</u> (epistêmica): <i>talvez</i>
e.g. São duas horas.	e.g. Quem você viu lá?			<u>Frequência</u> : <i>geralmente, sempre</i>
Bens e Serviços		Proposta → (Bens & Serviços)	Modulação	<u>Obrigaçã</u> o (deôntica): <i>deve, precisa</i>
e.g. Deu-lhe flores.	e.g. Me empresta isso?			<u>Desejabilidade</u> : <i>quero</i>

Fonte: Halliday (1994)

2 -va, sufixo do pretérito imperfeito do Indicativo.

No Quadro 4, a seguir é apresentado um exemplo de análise da metafunção interpessoal:

Quadro 4 - Metafunção interpessoal: análise

Contudo, em minha opinião, o duque deve dar o bilhete na festa rapidamente							
(a) Oração como <i>permuta</i> [Mood e Resíduo]							
Contudo	por mim	ele	deve	dar	o bilhete	na festa	rapidamente
<u>Adj. Conjunt.</u>	Adj. Modal	Sujeito	<u>Finito</u>	<u>Predicador</u>	Complemento	Adj. Circunst.	Adj. Modal
∅	MOOD		RESÍDUO				MOOD

Fonte: Halliday (1994)

A seguinte seção apresenta a noção de avaliatividade, que ampliou o escopo da metafunção interpessoal, importante na avaliação da persuasão nas charges.

1.7 O sistema de avaliatividade

Na LSF, o sistema interpessoal tem sido gramatical em sua base, funcionando no nível da oração, em que *mood*⁴ e modalidade servem como pontos de partida para o desenvolvimento de modelos da função de fala, estrutura de troca, etc. (HALLIDAY 1984). A tradição-baseada-na-gramática tem focalizado o diálogo como uma troca de bens & serviços ou informação. O que tendeu a ser omitido pelas abordagens da LSF é a semântica da avaliação — como os interlocutores estão sentindo, os julgamentos que eles fazem e a apreciação de vários fenômenos de sua experiência.

Nos exemplos do Quadro (5), diálogos como os apresentados representam mais que uma troca de bens & serviços ou de informação. Juntamente com modelos

³ “Contudo” faz parte da metafunção textual e não foi analisado nesse quadro.

⁴ *Mood* tem sido traduzido por *Modo* (com inicial maiúscula. Mantemos, contudo, o termo inglês para evitar a confusão com *Modo* (variável de Registro) em início de sentença.

baseados-na-gramática, então, é preciso elaborar sistemas lexicalmente-orientados que tratem também desses elementos, de acordo com Martin (2000).

Quadro 5 - Exemplos de avaliatividade

AFETO – emoções	
RITA	Eu <u>adoro</u> esta sala. Eu <u>adoro</u> aquela janela. E você <u>gosta</u> também?
FRANK	O quê?
JULGAMENTO – ético (avaliando comportamento)	
FRANK	E é o seguinte, entre você, eu e as paredes, eu sou na verdade um professor <u>péssimo</u> . Na maioria das vezes, veja, nem interessa realmente – dar aulas <u>péssimas</u> está bem para a maioria dos meus alunos <u>péssimos</u> .
APRECIÇÃO – estética	
RITA	Sabe, a Rita Mae Brown, que escreveu <i>Rubyfruit Jungle</i> ? Você leu esse livro? Ele é <u>fantástico</u> .

Fonte: Martin (2000)

O autor examina o léxico avaliativo que expressa a opinião do falante (ou do escritor) sobre o parâmetro bom/mau. Ele se enquadra na tradição da LSF. O sistema de escolhas empregado para descrever essa área de significado potencial é chamado *Appraisal* (doravante avaliatividade). O exemplo, abaixo, ilustra o léxico avaliativo – sublinhado - escolhido pelo falante.

(1) É inaceitável que o espírito de competição degenera em mortes.

O posicionamento do falante fica evidenciado por meio de sua escolha lexical – inaceitável.

A categoria principal ou subsistema é o AFETO, que trata da expressão de emoções (felicidade, medo, etc.). Relacionado a ele, há mais dois subsistemas: JULGAMENTO (tratando de avaliação moral - honestidade, generosidade, etc.), APRECIÇÃO (tratando da avaliação estética — sutileza, beleza, etc.), além da AVALIAÇÃO SOCIAL (uma subcategoria de APRECIÇÃO, que se refere à avaliação positiva ou negativa de produtos, atividades, processos ou fenômenos sociais) e a GRADUAÇÃO (aponta para a força da avaliatividade, ou seja, é representada como uma composição de recursos para aumentar ou diminuir a intensidade da avaliação). O Quadro 6 apresenta um resumo desta teoria.

Quadro 6 - O sistema da avaliatividade

Avaliatividade Appraisal	ENGAJAMENTO	Monoglóssico Heteroglóssico	
	ATITUDE	Afeto	
		Julgamento (ético)	
		Apreciação (estética)	
		Avaliação Social	
	GRADUAÇÃO	Força	Aumenta
			Diminui
		Foco	Aguça
Ameniza			

Fonte: Traduzido de Martin (2003)

Os sistemas de avaliatividade ligam-se por meio do conceito técnico de redundância: cada sistema “redunda com” sistemas em outra parte da lexicogramática (isto é, em termos simplificados, eles cobrem a mesma área semântica usando diferentes recursos linguísticos). Por exemplo, significados apreciativos são próximos em termos semânticos a processos mentais de afeto, como é mostrado no Quadro 7.

Quadro 7 - Redundância

<i>O filme era muito triste</i> Com processo Relacional + Apreciação	<i>O filme me comoveu até as lágrimas.</i> Com processo Mental
-------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------

Fonte: Martin (2000)

Quando a avaliação está explicitamente realizada, é fácil a análise da atitude em positiva ou negativa em relação a algum evento: (a) Felizmente/Infelizmente, o Brasil desafiou os EUA na ALCA. Mas o que fazer em casos em que a avaliação não está inscrita explicitamente, como em: (b) O Brasil desafiou os EUA na ALCA.

Esse fato leva Martin (2000) a postular uma distinção entre avaliatividade inscrita (explícita) e evocada (implícita) presente na avaliação na linguística. O autor considera a questão como decorrente do pareamento entre o significado ideacional com o interpessoal. Assim, surge um item complicador que é o fato de que o que conta

como a avaliatividade depende do campo do discurso. Por isso, significados ideacionais que não usam léxico avaliativo podem ser usados para evocar apreciação, afeto e julgamento. Nesse sentido, Martin denomina de *token* de atitude, as avaliatividades que dependem de contexto para serem avaliadas como positiva ou negativa.

No caso da menção por Rita do livro *Rubyfruit Jungle* em “*Sabe, a Rita Mae Brown, que escreveu Rubyfruit Jungle? Você leu esse livro? Ele é fantástico!*” esse fato mostra o quanto ela é ignorante nessa área. Assim, dependendo do contexto da interlocução, a referência de *Rubyfruit Jungle*, que poderia ser entendida como mera informação (metafunção ideacional), pode dar a entender, também, que o livro é pobre em termos intelectuais e por extensão avalia igualmente seu leitor (metafunção interpessoal).

Toda instituição está carregada com pareamentos (ideacional + avaliação) desse tipo, e a socialização em uma disciplina envolve tanto um alinhamento com as práticas institucionais envolvidas quanto uma afinidade com as atitudes que se espera que se tenha em relação a essas práticas. Talvez devesse ser enfatizado que os analistas da avaliatividade deveriam declarar sua posição de leitura – já que a avaliação por evocação depende da posição institucional que se toma ao ler um texto. Assim, muitos leitores se alinhariam com Rita e não com Frank em termos de textos populares como o citado *Rubyfruit Jungle*.

A avaliatividade, a negociação e o envolvimento constituem as relações, uma das variáveis de REGISTRO (campo, relações, modo), que se refere às relações de poder e solidariedade entre os interlocutores. Martin (2000) pontua que a expressão de atitude não é simplesmente uma questão de posicionamento pessoal, e sim, uma questão interpessoal, pois a razão básica de adiantar uma opinião é provocar uma resposta de solidariedade do interlocutor.

Relacionado à avaliatividade, outro recurso linguístico é empregado para construir significados: a logogênese. O termo "logogênese" serve para identificar a construção dinâmica do significado conforme o texto se desenvolve (HALLIDAY, 1992, 1993; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Thompson (1996) denomina de "ressonância" a essa harmonia de significados que é um produto de uma combinação de escolhas não identificáveis com qualquer outra escolha, se consideradas isoladamente. Segundo o autor, a ressonância ocorre no seio da metafunção ideacional, criando um “eco” discursivo.

De maneira semelhante e com referência à avaliatividade, Martin (1992, p. 553-559) e outros sistemicistas notaram que as realizações de significados interpessoais, incluindo modalidades e atitudes, tendem a ser mais “prosódicas” que as realizações mais segmentáveis e localizadas dos significados ideacionais. Para Lemke (1998), componentes redundantes, qualificadores e amplificadores ou restritivos, daquilo que é funcionalmente uma única avaliação, espalham-se por meio da oração ou da oração complexa ou, mesmo, de longos trechos de um texto.

Ficará claro, assim, que as avaliações de proposições e propostas não são independentes, em longos textos, da avaliação de participantes, processos e circunstâncias incluídos em proposições e propostas. É o que mostra a noção de metarrelações, a seguir.

1.8 Metarrelações

Uma leitura relacional, afirma Macken-Horarik (2003), pressupõe um nível de jogo na estratégia de resposta disponível numa leitura literária. Uma leitura relacional de uma narrativa como um todo precisa ser feita gradualmente. Uma interpretação bem-sucedida, então, depende de duas habilidades – primeiramente, a habilidade de processar as palavras do texto dinamicamente e, em segunda instância, a de construir a relação semântica de cada fase com outra. Sob uma perspectiva sinótica (leitura do todo, resumido) de retrovisão, os leitores reconhecerão que algumas fases confirmam, outras se opõem e ainda outras transformam o significado avaliativo de etapas anteriores.

A avaliatividade se refere às expressões de Atitude *evocadas* (implícitas) e *inscritas* (explícitas), que criam um espaço semântico mais amplo que, por si, torna-se avaliativo. Sobre a questão, Macken-Horarik (2003) propõe o conceito de *metarrelação*, que permite interpretar a copadronização de escolhas de avaliatividade em determinadas etapas e construir as relações semânticas entre uma fase e outra. Assim, é possível tratar não somente de formas explícitas de avaliação como a avaliatividade inscrita, como também de escolhas de avaliatividade implícita por meio de longas passagens do texto.

Dessa forma, continua a autora, os modos pelos quais as combinações de escolhas conspiram, criam atitudes específicas no leitor ideal conforme ele processa

as informações contidas no texto. Para acrescentar, certas configurações de metarrelações coocorrem em diferentes aspectos no posicionamento do leitor. Enquanto a empatia favorece a seleção de confirmações, as oposições e avaliações internas, percepção ética favorecem as avaliações externas, internas e transformações. O Quadro 8, mostra como para tornar-se 'meta-' do significado a informação deve relacionar-se e harmonizar-se com as metarrelações em algum lugar no texto.

Quadro 8 - As metarrelações

Metarrelação	Significado semântico
Confirmação	Uma fase que cria equivalência com etapa(s) anterior(es) por meio de escolhas avaliativas semelhantes.
Oposição	Uma fase que cria contraste com etapa(s) anterior(es) por meio de escolhas avaliativas opostas.
Transformação	Uma fase que cria mudança de significados de etapa(s) anterior(es) por meio de mutação nas escolhas avaliativas.
Avaliação interna	Uma fase que projeta olhares interiores e sentimentos de um personagem.
Avaliação externa	Uma fase que verbaliza os olhares e os sentimentos de uma personagem.

Fonte: Macken-Horarik (2003)

Outros mecanismos são utilizados na avaliação linguística, especialmente na avaliação implícita. São eles: contrabando de informação e política do apito do cão.

Coffin e O'Halloran (2006) trabalham mais especificamente com avaliação negativa conhecida como *política do apito do cão*, que consiste na comunicação política que emprega significados supostamente neutros, mas que devem ser 'entendidos' como uma mensagem negativa pela comunidade alvo (MANNING, 2004).

Já o *contrabando de informação* é estudado por Luchjenbroers e Aldridge (2007). Para os autores, os *frames* ou enquadres são informações aceitas culturalmente por uma comunidade discursiva e estão presentes em determinados termos lexicais. A adequação do *frame* escolhido é crucial para 'contrabandear uma informação', termo utilizado quando uma informação (negativa) é sub-repticiamente introduzida, por exemplo, nas declarações de uma testemunha. Os *frames* de referência associados a cada escolha lexical geram constituintes adicionais de significados, ou seja, cada escolha desencadeia uma rede ampla de associações que estão prototipicamente no uso do vocábulo escolhido. Tais associações serão

captadas pelo interlocutor dependendo de suas experiências e de sua compreensão das normas sociais que limitam tais seleções lexicais. Por isso, faz-se necessário entender em quais contextos os enunciados são produzidos.

Seguem-se algumas ideias que decorrem da complexidade da abordagem multissemiótica das representações que produzimos e vemos ao nosso redor.

1.9 Multimodalidade e Gramática Sociosemiótica

A teoria que fundamenta a abordagem multimodal segue as contribuições de Gunther Kress (2010), um dos fundadores da Semiótica Social (SS), para quem a comunicação envolve mais de um modo semiótico, não apenas só imagem, só gestos, só a fala; ela sempre foi multimodal e, portanto, a tradição em que predomina a hegemonia do modo verbal como meio de comunicação autossuficiente é fortemente questionada em defesa de uma multiplicidade de modos e recursos semióticos disponíveis para a representação e a comunicação.

Hodge e Kress (1988), ao lançarem o livro *Social Semiotics* marcam uma nova fase para os estudos semióticos, desnudando a semiose humana como um fenômeno social em suas origens, funções, contextos e efeitos. A SS abarca “os significados sociais construídos por meio da vasta gama de formas semióticas, por meio de textos semióticos e práticas semióticas em todos os tipos da sociedade humana em todos os períodos da história humana” (HODGE; KRESS, 1988, p. 261). Sob a perspectiva da Semiótica Social, a multimodalidade não é uma teoria, ela é uma característica inerente a todos os textos. Sob esse ponto de vista, os textos sempre possuem mais de um modo semiótico envolvido em sua constituição, sendo, portanto, *multimodais*.

O ser humano, diante da necessidade de registrar e compartilhar acontecimentos, informações e ideias, ao longo dos anos, tem criado e buscado sistemas de representação para além da língua. Mesmo diante do longo domínio da escrita, outras formas de representação e comunicação sempre estiveram presentes, a imagem, na grafia, *layout* etc., com diferentes escolhas para tamanho, cor, tipo e organização textual e, principalmente, em seus suportes (das pedras às telas, por exemplo).

A perspectiva sociossemiótica da linguagem, ao utilizar o prefixo sócio, não o incorpora por uma simples mudança de nomenclatura, mas toma uma posição ao apontar a noção de sócio para o sistema social, ou seja, para a cultura. A acepção de cultura é tida como um conjunto de sistema semiótico, um conjunto de significados que se interrelacionam.

Assim, sempre que consideramos conjuntos multimodais ou complexo de signos, podemos questionar: qual modo carrega maior peso funcional (*functional load*) em relação a outros? Como cada modo contribui para o significado que está sendo construído? Como os recursos semióticos são disponibilizados para os produtores de signos e por quem? Esta última questão nos permite acessar aspectos de agenciamento e poder (BEZEMER; KRESS, 2016, p. 31), visto que cada modo tem efeitos significativos do que pode ser e é comunicado e, conseqüentemente, aprendido, em um dado ambiente.

Diante desses questionamentos, ao analisarmos o uso do termo multimodalidade, vemos que ele ressalta a importância de considerar outras semioses além do uso do verbal, como imagem, música, gesto. A crescente ubiquidade do som, da imagem, do cinema, da televisão, da internet etc. está, sem dúvida, atrás dessa nova ênfase e interesse na complexidade multissemiótica das representações que produzimos e vemos ao nosso redor.

1.10 A análise das charges multimodais

A fim de desenvolver uma gramática semiótica adequada para a análise do discurso multimodal, temos de começar de algum lugar, afirma Macken-Horarik (2004). A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), de Halliday (1994), tem se revelado útil em vários aspectos. Primeiramente, a LSF tenta relacionar as estruturas linguísticas ao contexto social em que são produzidas. Halliday e seus colaboradores partem do pressuposto de que a “língua é como é devido às funções que serve na vida das pessoas, e assim precisamos proceder de fora para dentro, interpretando a língua com referência ao seu lugar no processo social” (HALLIDAY, 1978, p. 4). A relação das estruturas linguísticas com os processos sociais faz da LSF um recurso oportuno para o estudo mais amplo de diferentes modos semióticos. O foco na relação entre estruturas sociais e linguísticas tem dado uma face “de aplicação” em relação a

outras gramáticas, levando a pesquisas influentes na educação entre outras áreas institucionais.

Segundo, como uma gramática, a LSF permite mapear não apenas palavras, mas a combinação de palavras a que Halliday chama de *wording*, e interpreta esses sintagmas (grupos) linguísticos em termos funcionais. Como afirmam Kress *et al.* (1997, p. 260 apud Macken-Horarik, 2004), a análise de imagens tem se detido em itens de conteúdo, ou “léxico”, e não na estrutura interna das imagens, ou “sintaxe”. Essa é uma tarefa importante se quisermos desenvolver uma “gramática” que nos possibilite entender a relação entre as estruturas linguísticas e não linguísticas.

Em terceiro lugar, a LSF é uma gramática orientada para escolhas em vez de regras. As escolhas linguísticas são modeladas em termos de sistema de redes – uma gama de opções relacionadas a diferentes significados, que são realizadas por uma seleção léxico-gramatical (tipos de oração e frase). Embora não seja apropriado para todos os tipos de estrutura de significado (prosódia, gradação e intensidade), o sistema é um recurso favorável de representação para a exibição de opções discretas de sentido em diferentes contextos semióticos (fala, escrita e, a partir de agora, imagem).

Em quarto lugar, a LSF incorpora três tipos de significados na análise da comunicação humana. Essas metafunções incluem: o significado **interpessoal** (relações sociais e de identidade que atuam e são usadas nos textos); **ideacional** (a representação empírica da realidade experiencial (ou, melhor, realidades) nos textos; e significados **textuais** (os modos pelos quais os textos são feitos coerentes e relacionados ao seu contexto. O princípio das metafunções forneceu aos semioticistas categorias abstratas e gerais para a análise de diferentes sistemas semióticos.

Kress e Van Leeuwen (1996), com base nas metafunções da LSF, segundo Macken-Horarik (2004), consideram em sua Gramática Sociosemiótica, três sistemas para análise do significado nas imagens interativas: **contato**: ação da imagem sobre o espectador (oferecendo uma “informação” visual); **distância social**: o espectador é convidado a aproximar-se ou não dos participantes representados na imagem: distância social íntima, distância social razoável e distância impessoal, de afastamento; e **atitude**: (i) dimensão *horizontal*, que cria envolvimento dos espectadores; e (ii) *vertical*, que cria a relação de poder entre o espectador e participantes representados.

O Quadro 9 apresenta as categorias para análise de imagens.

Quadro 9 - As categorias de análise da imagem

CONTATO	DISTÂNCIA SOCIAL	DE ATITUDE
- chamar atenção; - oferecer informação.	- aproximar (tamanho); - afastar (idem).	- horizontal (envolvimento); - vertical (hierarquia).
Desta maneira, os textos verbais e visuais criam tipos complementares de contato com o seu destinatário:		
Por meio das imagens	Por meio da verbiagem	

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Kress; van Leeuwen (2006)

Além de examinar os as imagens, há outros aspectos linguísticos que merecem atenção no estudo das charges: a metáfora e a metonímia.

1.11 Metáfora

A metáfora ocorre no momento em que há uma unidade do discurso que é usada para referir de maneira não-convencional a um objeto, processo ou conceito ou coligados de modo não convencional, indica Goatly (1997). E quando esse ato não-convencional de referência é entendido na base da similaridade, coincidência (*matching*) ou analogia, envolvendo o referente convencional da unidade e do referente não-convencional.

A literatura sobre a metáfora mostra uma terminologia que abrange: *Tenor/Topic* e *Vehicle* (GOATLY, 1997); *Source* e *Target* (CHARTERIS-BLACK, 2004; KÖVECSES, 2005; VELASCO-SACRISTÁN, 2010), mas Shie (2011) faz a distinção entre *source/target* (para metáfora) e *vehicle/target* (para metonímia). Na presente pesquisa, são adotados os seguintes termos, mais usados na literatura recente:

- (a) Fonte (*source*) é o referente convencional da unidade;
- (b) Alvo (*target*) é o referente não-convencional.

O exemplo (1) a seguir mostra como essa terminologia é aplicada:

- (1) O passado é um país estrangeiro; eles fazem as coisas de modo diferente lá.
Alvo Fonte

Kövecses (2010) mostra que a metáfora pode ser usada para transmitir convencionalmente significados estabelecidos, mas pode também ser empregada

criativamente por extensão do alvo ou “partes inutilizadas da fonte” (KÖVECSES, 2002, p. 82). Assim, tanto a extensão do alvo quanto a extensão interna da fonte da metáfora podem ser aplicadas para as variações contextuais das metáforas multimodais. Na verdade, menção e ocultação são processos que se aplicam não apenas a metáforas expressas no modo verbal, mas também a outros modos, como o visual (FORCEVILLE; URIOS-APARISI, 2009, p.13; KÖVECSES, 2002, p. 79-81), dando lugar a padrões complexos de interação entre os dois modos. Finalmente, Downing et al (2013) focalizam a importância do contexto como um fator determinante na variação metafórica (CAMERON, 2011; GIBBS, 1994; KÖVECSES, 2010), mas afirmam que a interação entre a variação motivada pelo contexto da metáfora e os conceitos cognitivos universais incorporados como os esquemas imagéticos realizam um papel crucial na emergência das metáforas criativas.

Com relação à definição da metáfora multimodal, as autoras seguem Forceville (2009), que assim a define:

[...] metáforas cujo alvo e fonte são representados exclusivamente ou predominantemente em modos diferentes. A qualificação "exclusiva ou predominantemente" é necessária porque as metáforas não verbais muitas vezes têm alvos e/ou fontes que se desdobram em mais de um modo simultaneamente (2009, p. 24).

Downing et al (2013) enfatiza a importância da metáfora como fenômeno discursivo, e não somente um fenômeno ao nível da palavra (CAMERON, 2011). Assim, as autoras afirmam que a ocorrência de palavras ou imagens identificadas como metafóricas (e.g., *highway* referindo-se à Internet) motivam a interpretação metafórica de expressões e/ou imagens coocorrentes, como *rush hour*, criando padrões de metáfora estendida que incluem manifestações tanto verbais quanto visuais. Pode-se também afirmar que esses processos podem ser aplicados a imagens, como foi sugerido por Kövecses (2010) e Forceville (2009). Essa visão é compatível com a abordagem da teoria da metáfora conceptual de identificação da metáfora, baseada em experiência prévia que provoca a reinterpretção de uma expressão metafórica específica (GIBBS, 1999).

Li (2010) investiga as relações entre escolhas de certas formas linguísticas e as ideologias e relações de poder que subjazem a essas formas. Guiado por propostas de análise do discurso crítica e com o apoio do contexto analítico oferecido

pela LSF, de Halliday (1994), o autor examina duas dimensões da gramática da oração: transitividade e coesão lexical, que podem ser associadas respectivamente com as funções ideacional e textual da linguagem. Analisando aspectos da gramática da oração relacionados a essas duas dimensões da língua em textos de reportagem de orientações ideológicas diferentes, Li mostra que as interpretações de um evento, no caso o bombardeio pela OTAN e os papéis sociais que os atores envolvidos no evento são construídos pelas escolhas específicas que cada jornal faz nas duas dimensões da organização do texto.

Nesse sentido, a escolha lexical e a coesão constroem significados no discurso que transcendem os significados referenciais de cada palavra por meio da interação de itens lexicais que se relacionam semântica e pragmaticamente. Para Van Dijk (1988, p. 177), a escolha lexical é "um eminente aspecto do texto em que opiniões e ideologias escondidas podem se superficializar".

A coesão lexical não é um recurso estável que liga informações no texto, é um processo dinâmico que formata o significado no texto e contribui para a informação geral. Assim, a coesão lexical pode fornecer intravisiões importantes no processo da construção da ideologia do texto. Essa visão condiz com a teoria conceitual da metáfora, de Lakoff e Johnson (1980). Como um mapeamento ontológico e epistêmico por meio de domínios conceituais (da fonte para a meta), a metáfora não é apenas uma questão de língua, mas também um conceito intimamente ligado ao pensamento e ao raciocínio, que tem consequências sociopolíticas.

As metáforas conceituais e a coesão lexical influem em nossas experiências cognitivas e nos predis põem a ver aspectos da realidade de um certo modo. A análise da coesão lexical de Li enfoca as repetições de itens lexicais relacionadas colocacionalmente que constroem metáforas dominantes que funcionam como temas organizacionais criando um determinado entendimento de um evento. A seguir, o exemplo da "metáfora da enchente", segundo Li (2010), resultante das expressões metafóricas contidas nos itens de 1 a 6:

Metáfora da enchente:

1 Protestos irados **irromperam** na cercania de escritórios do governo americano em diversas cidades.

2 Os protestos marcaram um extraordinário momento em uma cidade controlada em que **explosões** são normalmente proibidas.

- 3 Um grupo de 50 participantes **invadiram** as linhas da polícia.
- 4 Eles por certo não estavam preparados para essa **onda** de ódio.
- 5 A atual **explosão** de emoção nacionalista.
- 6 Um poderoso **fluxo** de sentimento antiamericano despertou após o bombardeio.

Na sequência de apresentação dos recursos linguísticos passíveis de aplicação na análise das charges, torna-se necessário abordar os *frames* igualmente pela metonímia, pois as conceptualizações são também projeções ocorrentes nessas composições multimodais.

1.12 Metonímia

Enquanto as metáforas conceptuais estiveram no centro do interesse de linguistas cognitivistas, conforme Feng (2013), em especial desde a publicação de *Metaphors we live by* (LAKOFF; JOHNSON, 1980), a metonímia conceptual, como um instrumento fundamental da cognição humana, atraiu a atenção dos pesquisadores somente em data mais recente (BARCELONA, 2000; PANTHER; RADDEN, 1999; PANTHER; THORNBURG, 2004). Porém, não é surpresa que a importância da metonímia conceptual esteja sendo cada vez mais reconhecida e estudada por linguistas cognitivistas, já que esse fenômeno cognitivo é, para citar John Taylor (1995, capítulo 7), "um dos processos mais fundamentais da extensão do significado".

A metonímia é considerada fundamental para a construção do significado verbal que é tanto icônica, quanto indexical (PEIRCE, 1955 [1902]). "Na medida em que não se dispõe de outros meios para significar e comunicar nossos conceitos a não ser pelo uso de formas, a língua, bem como outros sistemas de comunicação, é, necessariamente, metonímica" (RADDEN; KÖVECSES, 1999, p. 24).

Na linguística cognitiva, a metonímia é considerada como sendo "um processo cognitivo que evoca um *frame*⁵, e não meramente uma questão da substituição de expressões linguísticas" (PANTHER; RADDEN, 1999, p. 9). Considerando os aspectos pragmáticos do que não é dito ou escrito, mas

⁵ De acordo com Minsky (1977, pp. 355), então, um *frame* pode ser considerado uma representação mental do nosso conhecimento de mundo, uma estrutura de dados que está localizada na memória humana e pode ser selecionada ou recuperada quando necessária.

comunicado, como acontece na publicidade, deve-se prestar atenção mais detida às noções psicológicas como conhecimento prévio, crenças e expectativas. Tais noções funcionam como padrões familiares da experiência prévia que o destinatário emprega para interpretar as novas experiências (YULE, 1996, p. 84-85), um dos quais é o *frame*.

A noção de *frame* foi proposta por Minsky (1975) em sua teoria-do-*frame* e na semântica-do-*frame*, de Filmore (1975). Minsky explica que *frame* é uma representação mental do conhecimento de mundo construído pelo indivíduo, que é armazenado na memória em forma de estruturas de dados, e que pode ser selecionada ou recuperada quando necessária. Dessa perspectiva, “uma metonímia consiste em uma estrutura/conceito *fonte*, que via uma pista no modo comunicativo (língua, imagens, música, som, gesto, etc.) permite ao endereçado da metonímia inferir – com base em seu *frame* - a estrutura/conceito *alvo*” (FORCEVILLE, 2009, p. 58). O “endereçado” faz a inferência por meio de pistas com base no seu conhecimento cultural bem como no contexto imediato de comunicação.

Uma vez entendida essa propriedade da metonímia, diz Mujic (2009), pode-se entender a funcionalidade da publicidade mesmo em gêneros de pequena extensão, como é o caso do slogan por ele estudado, e cuja propriedade pode ser estendida a charges. Segundo o autor, embora limitado à pequena extensão, o slogan pode cumprir sua missão não só informativa, mas também persuasiva, graças à noção de metonímia conceptual. Daí o uso frequente do slogan na publicidade comercial ou na propaganda política, religiosa, etc. A metonímia é, assim, vista como um instrumento cognitivo nas mãos dos anunciantes, cuja meta é a construção de uma percepção positiva da imagem da empresa do anunciante.

Em representações gerais, uma subcategoria não significa apenas a categoria, mas pode também envolver um conhecimento estereotipado mais abstrato da categoria. Como Lakoff (1997, p. 79) afirma, os estereótipos são casos de metonímia – em que um membro ou subcategoria tem um status socialmente reconhecível, e cujo significado se estende para a categoria toda, contribuindo, assim, para a efetivação de julgamentos rápidos sobre pessoas ou coisas. Um gênero que constantemente invoca esse conhecimento estereotipado são os comerciais de TV, segundo o autor.

Devido ao limitado espaço de que dispõem para a elaboração dos atributos do personagem, os comerciais amparam-se na identidade dos personagens para

convidar os expectadores a aceitar a conclusão sobre os atributos do produto. Assim, a publicidade recorre ao caráter de expert honesto do médico, assim considerado pelo público, para utilizar seu comentário sobre um produto medicinal, usando recursos representativos para atribuir a identidade ficcional do médico aos produtos, como, por exemplo, processos de ação (e.g. checkup médico) e processos analíticos (e.g. traje).

Finalizamos, assim, o capítulo de Fundamentação Teórica, a fim de responder às perguntas: (a) Como é feita a persuasão via humor e ironia nas charges verbo-visuais? (b) Qual é o papel da metonímia e da metáfora? (c) De que modo a LSF pode apoiar essa análise?

O Quadro 10 mostra as teorias estudadas.

Quadro 10 - Os assuntos tratados

A charge, o cartum e a caricatura
Humor e Ironia Persuasão
A Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) Avaliatividade e Modalidade
Gramática Sociosemiótica
Metáfora e Metonímia

Seguimos o seguinte percurso: (a) iniciamos a pesquisa trabalhando com os conceitos de gêneros textuais como formas de ações sociais para poder contextualizar a charge, objeto de estudo deste trabalho; (b) caracterizamos charge, cartum e caricatura para justificar a escolha do nosso recorte de pesquisa, a charge; (c) abordamos aspectos relacionados ao humor e à ironia, recursos extremamente usados nas charges como estratégias de persuasão; (d) a intersubjetividade presente nos textos chárgicos uma vez que o chargista tem interesse em eliciar a resposta solidária do endereçado, ou seja, do seu leitor; (e) as metarrelações que possibilitam a interpretação da copadronização de escolhas de avaliatividade em determinadas fases do texto e construir as relações semânticas entre uma etapa e outra; (f) a imagem, pois não podemos expressar com palavras a mesma coisa que expressamos com uma imagem, por exemplo. Nas palavras de Cunha (2016), “dois sistemas semióticos de diferentes tipos não podem ser mutuamente intercambiáveis.”

Finalmente, apoiamo-nos na proposta teórico-metodológica da Linguística Sistêmico-Funcional, sobretudo, por duas razões: o conceito de escolhas léxicogramaticais, fundamental para o resgate de ideias implícitas no texto, na medida em que prestamos atenção àquelas que não foram escolhidas; e pela questão levantada por Li (2010), da união entre a microestrutura dessas escolhas no texto e a macroestrutura do discurso, em que são observadas as noções de ideologia, identidade ou a relação de forças.

A seguir, a metodologia de análise, reunindo as teorias aqui apresentadas.

2. METODOLOGIA

A pesquisa recorre a uma metodologia que se apoia na gramática-da-oração para explicar o modo como os traços léxico-gramaticais da estrutura superficial do texto comunicam ideologias específicas e identidades no nível profundo do discurso no enquadre da Linguística Sistêmico-Funcional, de Halliday (1994).

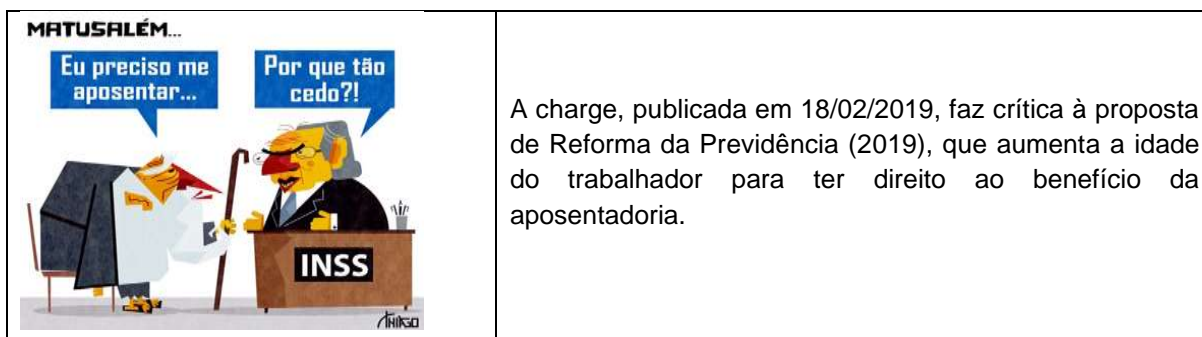
A pesquisa de caráter qualitativo, caracterizada pela investigação e interpretação do pesquisador, examina uma unidade, cujos limites são esclarecidos em termos de resposta a perguntas feitas, de fontes de dados usadas, e do contexto envolvido (HALLOWAY, 1997).

Por outro lado, levamos em conta o fato de que o apoio teórico em pesquisa de linguística aplicada tende a ser eclético, empregando metodologia mista, “já que os mesmos recursos não são apropriados para descrever diferentes níveis e componentes da interação, sendo necessário o apelo a várias tradições descritivas” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2004, p. 9).

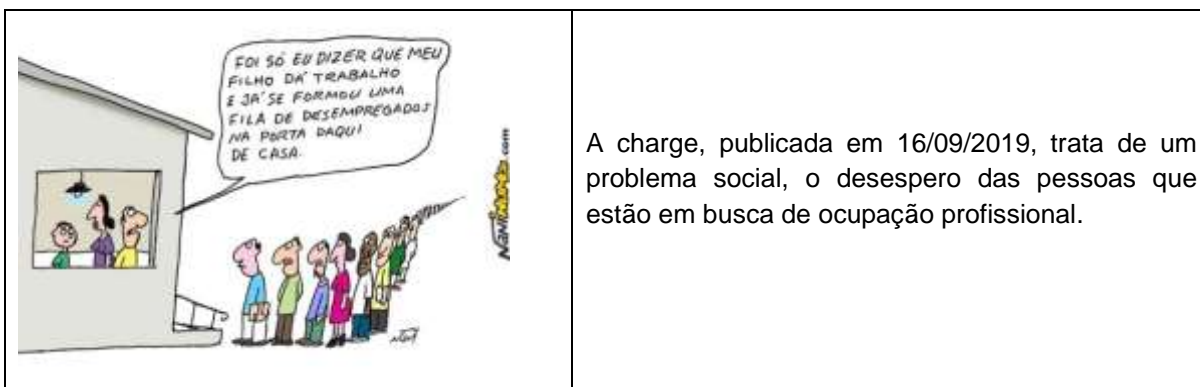
2.1 Dados

São analisadas quatro charges políticas com referência a questões polêmicas, amplamente discutidas pelos principais veículos de comunicação nos anos de 2019 e 2020. São elas:

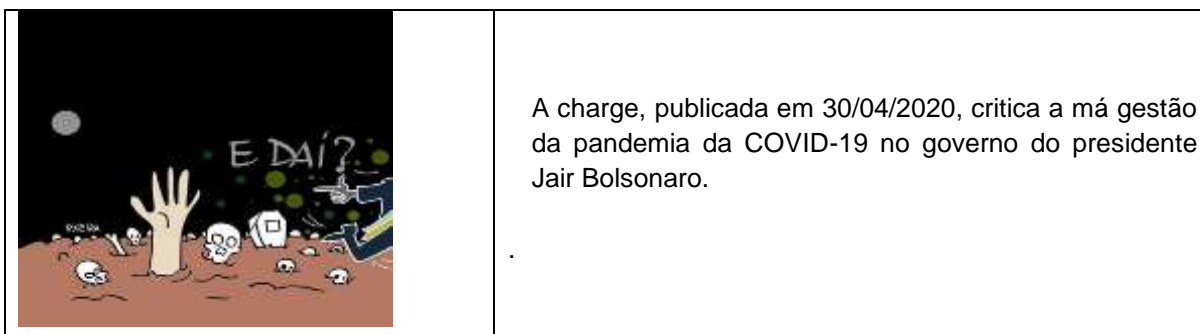
(a) MATUSALÉM ...



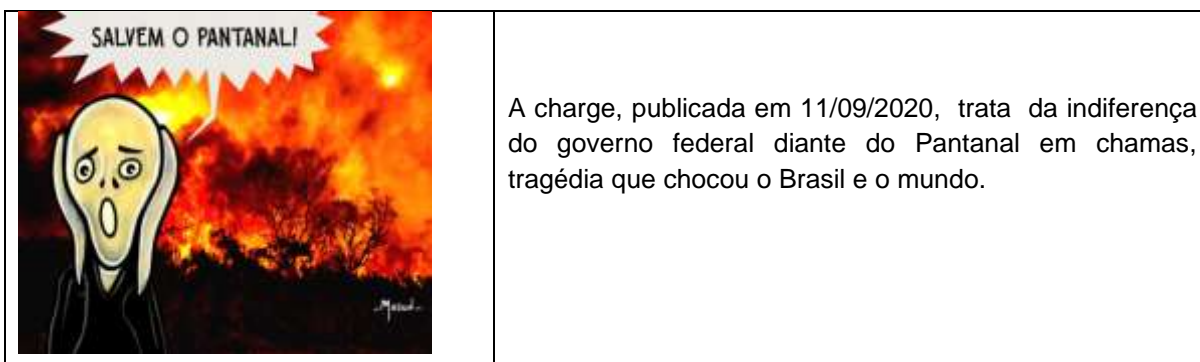
<https://www.humorpolitico.com.br/category/aposentados/>

(b) Desemprego

<https://www.humorpolitico.com.br/category/aposentados/>

(c) E daí?

<https://www.humorpolitico.com.br/category/aposentados/>

(d) O Grito pelo Pantanal

<https://www.humorpolitico.com.br/marcelo/o-grito-pelo-pantanal/>

2.2 Procedimentos de Análise

Para responder às perguntas de pesquisa - (a) Como é feita a persuasão via humor e ironia nas charges verbo-visuais? (b) Qual é o papel da metonímia e da metáfora? (c) De que modo a LSF pode apoiar essa análise? - os seguintes procedimentos foram adotados:

- (a) Apresentação da charge;
- (b) Exame do contexto situacional em que ocorreu a charge (GOATLY, 1997);
- (c) Análise da parte verbal da charge, segundo a LSF (HALLIDAY, 1994);
- (d) Análise da imagem e da cor., segundo a Gramática Sociosemiótica. (KRESS; VAN LEEUWEN (2001);
- (e) Ambas as análises são seguidas de discussão com referência à persuasão via humor e ironia, tendo em mente o fato de que a metonímia é, em sentido lato, entendida como um elemento que representa outro (PEIRCE, 1955). Essa representação dupla depende do *frame* do leitor;
- (f) Isto feito, selecionamos as escolhas lexicais, segundo Li (2010), cuja soma revela a metáfora que percorre o texto.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DAS CHARGES

Daremos início ao capítulo das análises, iniciando com a charge intitulada MATUSALÉM.

3.1 Matusalém

A Figura 1 apresenta a charge “Matusalém”, objeto da presente análise.

Figura 1 - Matusalém



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br/category/aposentados/>

3.1.1 Contexto situacional

O exame do contexto situacional, ou registro, tem o propósito de prevenir o subjetivismo da análise, e abrange:

- (a) **Campo** (assunto): refere-se à crítica ao projeto de Reforma da Previdência (2019), que preconiza aumento da idade do trabalhador para a aposentadoria.

- (b) **Relação** (interação): com a Reforma, só mesmo Matusalém teria condições de solicitar aposentadoria, mas, mesmo assim, seria julgado precipitado pelo agente do INSS.
- (c) **Modo** (construção do texto): gênero diálogo entre o agente do INSS e o idoso, em texto multimodal combinando verbal, imagem e cor.

3.1.2 *Análise e discussão do enunciado verbal*

A análise do enunciado verbal examina o sistema da transitividade (processo indicado em maiúscula; participantes e circunstância sublinhados) colocada logo abaixo do texto. Examina também, na linha seguinte a avaliatividade (em negrito), conforme Quadro 11.

Quadro 11 - Análise do enunciado verbal da charge Matusalém

<u>Matusalém:</u> Dizente	<u>Eu</u>	preciso	<u>me</u>	APOSENTAR.
			Existencial	
Modalidade: obrigação				
<u>INSS:</u> Dizente	Por que		<u>tão cedo?!</u>	
			Circunstância	
Apreciação (-) token (↑)				

Discussão:

A análise da transitividade (da metafunção ideacional) mostra a crítica do povo brasileiro ao projeto da Reforma da Previdência (2019), que retarda a aposentadoria do trabalhador. Se aprovado, nem mesmo um ancião com a idade de Matusalém estaria em condições de solicitar o benefício e, se o fizesse, seria recebido com surpresa pelo agente do INSS (caricatura do então ministro da economia Paulo Guedes?) que responde ironicamente: “Por que tão cedo?!”

Em termos da metafunção interpessoal, a charge traz o pedido de Matusalém, marcada por alta pressão de necessidade, por meio da modulação de obrigação “preciso” (“preciso me aposentar”). É a súplica do idoso Matusalém, representando grande parte do povo brasileiro, para quem a aposentadoria

provavelmente não chegará em vida, se depender da Reforma. Nesse contexto, a circunstância “cedo” recebe avaliatividade de apreciação negativa, um *token* de atitude, pois é dependente de contexto; além disso é intensificada com graduação de força maior (↑) dada pelo adjunto adverbial “tão”.

Pela metafunção textual, a charge constrói um texto multimodal, em que a mensagem é transmitida por meio da soma de modos diversos: língua, imagem, cor e, mais importante, o conhecimento de mundo do leitor, seu *frame*.

O texto do diálogo recorre a uma interação apenas, entre o INSS e Matusalém, cujas escolhas linguísticas não apresentam nenhuma marca da crítica dura e mordaz que subjaz no discurso. Pelo contrário, para persuadir o leitor sobre a tragédia que a Reforma representa para o povo, a charge recorre à ironia e ao humor para, dessa forma, atingir essa meta.

Pelo recurso da ironia, a charge *Matusalém...* envolve a percepção, no texto, de dois significados de “cedo” ao mesmo tempo (CLIFT, 1999, p. 523), tornando vaga a intenção do falante: que tanto pode significar “prematureo” quanto pode ser entendido como “tardio” diante da velhice de Matusalém. A correta interpretação do significado encontra-se no discurso, e depende do *frame* que o leitor traz na sua interação com a charge. Essa dupla interpretação está na raiz do humor que ancora a crítica, ajudando a amenizar a crítica, que, do contrário, seria ácida e direta. A persuasão, no caso, tira proveito dos dois recursos para se imiscuir no discurso.

3.1.3 Análise e discussão da imagem e da cor

A análise das imagens é feita na esteira de Kress e Van Leeuwen (2006), que fizeram uma adaptação das metafunções do modelo da LSF, ou seja: (a) contato; (b) distância social; (c) dimensão (horizontal e vertical), respectivamente, cujas funções são aqui repetidas para facilitar o acompanhamento da análise.

- (a) Contato: ação da imagem sobre o espectador (oferecendo uma “informação” visual);

- (b) Distância Social: o espectador é convidado a aproximar-se ou não dos participantes representados na imagem: distância social íntima, distância social razoável e distância impessoal, de afastamento; e
- (c) Atitude: (i) dimensão *horizontal*, que cria envolvimento dos espectadores; e (ii) *vertical*, que cria a relação de poder entre o espectador e participantes representados.



Contato: Inicialmente, o título, **MATUSALÉM**, escrito em letras maiúsculas e em negrito, pode indicar a proximidade do luto. No texto multimodal, além da parte verbal, analisada acima, há duas imagens: a de um idoso, pobremente vestido, apoiado em um cajado - cuja idade é sugerida pelo título (Matusalém) - que solicita sua aposentadoria a um bem-posto funcionário do INSS (que, no contexto da época, poderia ser identificado com o ministro da economia Paulo Guedes). Inicia-se assim, o caminho percorrido pela persuasão, mostrando como seria o destino do trabalhador nos anos finais de sua vida, sem a aposentadoria que demora.

Distância social: O solicitante idoso e o representante do INSS estão sentados, um diante do outro e não olham para o leitor, que do lado de cá da charge lança seu olhar crítico à situação: o idoso, curvado e abatido, representando o trabalhador brasileiro após anos de incansável labuta, enquanto o agente do INSS, demonstra impaciência e surpresa em sua resposta ao pedido do idoso. A distância social indica impossibilidade de estabelecer qualquer tipo de diálogo. Nesse clima, em que o governo toma as rédeas das negociações, há o iminente perigo de a Reforma

ser aprovada. Essa é a argumentação da charge em sua tentativa de persuadir o leitor a se posicionar contrário aos propósitos do governo.

Dimensão: O idoso e o agente do INSS estão sentados, mas o primeiro – representando o trabalhador brasileiro, que pode incluir o espectador - situa-se em posição inferior ao do agente, o que indica a submissão da população ao projeto da Reforma.

Cor: Ambos vestem roupas de cores iguais: preto e branco. Porém, o idoso se enrola em um roupão branco coberto com um traje preto, já acinzentado pelo uso, enquanto o representante do INSS veste-se com apuro, de modo impecável, trajando camisa branca sob terno preto e gravata. Mais um passo em direção da persuasão que percorre a charge: o de como será o fim do trabalhador sem a aposentadoria conseguida a tempo.

3.1.4 Análise e discussão da metáfora



Ao reunir as escolhas lexicogramaticais e os detalhes imagéticos da charge, que – pela função da metonímia – foram revelando o conteúdo significativo subjacente ao texto, é possível observar as seguintes ocorrências, ou seja, as expressões metafóricas (também chamadas de mini-metonímias) ditadas pela metáfora conceptual que revela o verdadeiro significado. Assim: **INSS – aposentadoria – tão cedo? – preciso – MATUSALÉM – cajado – traje pobre – postura submissa**, ou seja, mesmo o diminuto conteúdo da charge multimodal pode transmitir a real

verdade, camuflada por ironia e humor, de que a aposentadoria não chegará em vida do trabalhador. Chega-se, assim, à metáfora:

APOSENTADORIA É SEPULTURA.

3.1.5 *Discussão geral da análise*

A charge cria um mundo textual envolvendo um idoso que clama por sua aposentadoria e um representante do INSS. O idoso, pela sua avançada idade, lembra Matusalém, presente no *frame* da maioria dos brasileiros, o que ajuda a entender a ironia da charge sobre o tempo demasiado longo para conseguir a aposentadoria.

Embora a charge retrate uma realidade desfavorável e trágica para muitos, essa situação é mostrada de maneira divertida, algo que lembra o dito “rir para não chorar”.

O restante da mensagem é preenchido pelo *frame* que o leitor traz para a cena, como dita a teoria da metonímia conceptual, que relaciona todos os itens verbais ou imagéticos com o real significado da charge, que é o da metáfora APOSENTADORIA É SEPULTURA.

Nesse sentido, a charge trata de um assunto considerado polêmico, em que há controvérsia, em um texto multimodal, contando com o diálogo entre duas pessoas com uma participação apenas para cada uma. No entanto, a construção de sentido conta com a participação do leitor, que, com apoio do seu *frame* pode ou não envolver: injustiças do governo, críticas à Câmara dos Deputados, ao Senado e outros elementos mais, fatos com que conta o chargista, expressos de maneira irônica e sempre bem-humorada.

Esta charge mostrou que “texto” é uma soma de verbiagem e imagem e que o “significado” não está completamente expresso nas palavras, imagens ou cor, mas está neles e, também, no *frame* do leitor.

3.2 Desemprego

A Figura 2 apresenta a charge “Desemprego”, objeto da presente análise.

Figura 2 - Desemprego



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br/nani/desemprego-21/>

3.2.1 Contexto situacional – análise do registro

O exame do contexto situacional, ou registro, tem o propósito de prevenir o subjetivismo da análise, e abrange:

- (a) **Campo** (o assunto) refere-se ao desespero de milhares de brasileiros que se encontram desempregados no Brasil desde 2019, cujo número aumentou exponencialmente durante a pandemia da COVID-19. O desemprego é um fato econômico que iguala os cidadãos nos mais variados níveis: analfabetos, pessoas com pouca formação escolar, graduados e pós-graduados, jovens, adultos e idosos, trabalhadores com ou sem experiência. Todos estão sujeitos a passar por isso.

- (b) **Relação** (interlocutores): uma família – pai, mãe e filho – é surpreendida por vasta fila que se forma em frente à casa de pessoas à procura de emprego, apenas porque ouviram que o filho “dava trabalho”, não se comportando devidamente.
- (c) **Modo** (construção do texto). O texto é multimodal, combinando enunciado verbal coloquial, visual e cor, no gênero charge.

3.2.2 *Análise e discussão do enunciado verbal*

A análise do enunciado verbal examina o sistema da transitividade (processo indicado em maiúscula; participantes e circunstância sublinhados) colocada logo abaixo do texto. Examina também, na linha seguinte a avaliatividade (em negrito), conforme Quadro 12.

Quadro 12 - Análise do enunciado verbal da charge Desemprego

FOI	<u>só</u>	<u>eu</u>	DIZER	que	<u>meu filho</u>	DÁ trabalho (=preocupa)
	Circunstância	Dizente	Verbal		Ator	Material
	Mod.frequência					
E	<u>já</u>	se FORMOU	<u>uma fila de desempregados</u>			
	Circunstância	Existencial	Existente			
	Mod. Frequência		Apreciação (-)			
	<u>na porta daqui de casa</u>					
	Circunstância					

Discussão:

A análise via metafunção ideacional analisa a fala do pai de família, que se surpreende com o efeito que sua frase “meu filho dá trabalho” causa em uma multidão de desempregados, marcados como apreciação negativa. A frase, ambígua, foi entendida no sentido de “oferecer trabalho”, compreensível no contexto de quem

procura trabalho. O duplo significado traz à cena uma dose de humor, que provoca o riso, amenizando com esses recursos o rigor da crítica.

Em termos da metafunção interpessoal, “só” e “já” têm a função de distinguir os dois momentos que separam os dois comportamentos: do pai e dos desempregados: O pai “só” falou, e os enfileirados “logo” surgiram, fases que mostram duas realidades inteiramente diferentes. Ao seu lado, o trocadilho humorístico camufla no texto a situação do trabalhador brasileiro sem teto e sem o pão de cada dia.

Pela metafunção textual, a charge constrói um texto multimodal, em que a mensagem é transmitida por meio da soma de modos diversos: língua, imagem, cor e, mais importante, o conhecimento de mundo do leitor, seu *frame*.

3.2.3 Análise e discussão da imagem e da cor

A análise é feita na esteira da proposta sociossemiótica, de Kress e Van Leeuwen (2006), que fizeram uma adaptação das metafunções da teoria da LSF (ideacional, interpessoal e textual) para o exame do significado das imagens e das cores, analisando, respectivamente:

- (a) Contato: ação da imagem sobre o espectador (oferecendo uma “informação” visual);
- (b) Distância Social: o espectador é convidado a aproximar-se ou não dos participantes representados na imagem: distância social íntima, distância social razoável e distância impessoal, de afastamento; e
- (c) Atitude: (i) dimensão *horizontal*, que cria envolvimento dos espectadores; e (ii) *vertical*, que cria a relação de poder entre o espectador e participantes representados.



Contato: A charge compõe-se de duas partes: (a) uma família em sua confortável casa, bem iluminada, em que o pai reclama do comportamento do filho e (b) uma situação oposta, quilométrica fila de desempregados à procura de trabalho. A irônica diferença entre brasileiros, os de dentro do lar e os de fora, mostra a realidade que se traduz na confusão semântica originada pela frase “dá trabalho”.

Distância social: Para compor o paralelo entre as duas realidades, as personagens não olham para o leitor, mas a charge colocou a família e os desempregados em posição de confronto, para mostrar a imensa diferença entre os afortunados (3 pessoas) e milhares de desempregados. Essa situação comparativa, de poder persuasivo, pode sugerir ao leitor o futuro possível de quem hoje está em casa, mas logo pode estar compondo a imensa fila.

Dimensão: A dimensão é vertical, mostrando os habitantes da casa em posição acima dos pedintes de emprego, graças a uma escada que coloca a casa em posição superior aos que chegam da rua.

Cor: Uma luz azul ilumina a residência da família e remete à ideia de paz e tranquilidade. Todas os figurantes da charge vestem-se com cores semelhantes, dando a entender persuasivamente que o infortúnio pode igualar privilegiados e desempregados no futuro.

3.2.4 Análise e discussão da metáfora



De acordo com Li (2010), as escolhas de itens lexicais relacionadas colocacionalmente constroem metáforas dominantes que funcionam como temas organizacionais criando um determinado entendimento de um evento. O texto da charge diz:

Foi **só** eu dizer que meu filho dá **trabalho** e **já** se formou uma **fila** de **desempregados** na porta daqui de casa.

A soma das escolhas lexicogramaticais e os detalhes imagéticos da charge, que – pela função da metonímia – podem revelar o conteúdo significativo subjacente ao texto graças ao *frame* do leitor.

As expressões metafóricas (também chamadas de mini-metonímias) sublinhadas acima, mostram o desespero de quem procura emprego que, ao menor sinal de esperança, correm para tentar alguma possibilidade de colocação. Essas expressões permitem revelar a metáfora conceptual que orientou o significado da charge, ou seja:

DESEMPREGO É DESESPERANÇA

3.2.5 *Discussão geral da análise*

A análise da charge “Desemprego” contou com a teoria da Linguística Sistêmico-Funcional, bem como da Gramática Sociossemiótica, no exame do modo verbal, imagético e da cor.

“Desemprego”, como já adianta o tema, trata da questão problemática da falta de vagas no mercado laboral que, além de tudo, tende a piorar diariamente, em virtude da pandemia que atinge o mundo todo. A fome, a falta de moradia, e a COVID-19 atingem grande parte do povo brasileiro.

Os meios de comunicação têm mostrado com frequência cenas como as da charge, em que multidões de pessoas buscam colocação profissional, independentemente do lugar, do salário ou do tipo de atividade que as esperam.

Tudo isso poderia ser expresso de maneira contundente e amarga. Entretanto, a charge lança mão da ambiguidade fato que causa riso em um primeiro momento, suavizando o teor da crítica social.

A ironia situacional na charge, que invoca simultaneamente tanto o que é, quanto o que poderia ou deveria ser, (CLIFT, 1999) soma-se à imagem contrastante das duas perspectivas apresentadas no texto, para atingir, persuasivamente, o leitor: o futuro é incerto.

Essa incerteza fica evidenciada pela expressão polissêmica *dar trabalho* e as diferentes interpretações dela pelas personagens na charge.

Após todas essas etapas da análise multimodal, pode-se concluir que este texto chágico, em seu caminho persuasivo, soma os modos verbais, imagéticos e da cor, contando com o *frame* do leitor para revelar a verdade subjacente, contida na metáfora conceptual. Tudo isso é feito com apoio do riso e do humor, que serve para amainar as amarguras sociais aí inseridas.

Assim como na charge anterior, conclui-se que o texto é a soma de significado de verbiagem, imagem e do conhecimento enciclopédico do leitor.

3.3 E daí?

A Figura 3 apresenta a charge E daí?, objeto da presente análise.

Figura 3 - Charge E daí?



Fonte: <https://www.humorpolitico.com.br/pxeira/e-dai-11/>

3.3.1 Contexto situacional – análise do registro

- (a) **Campo** (assunto) refere-se à crítica a um pronunciamento do presidente da República, Jair Messias Bolsonaro. Segundo o jornal *Folha de São Paulo*, o Brasil registrou no dia 28/04/2020, um recorde de mortos pelo novo coronavírus e ultrapassou a China em número de pessoas que foram a óbito. O presidente, ao ser questionado sobre a gravidade do problema, respondeu “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagres”.

(b) **Relação** (interação) refere-se à expectativa da charge de contar com o *frame* do leitor, que só assim poderá completar a informação que falta à frase “E daí?” Essas duas palavras refletem a falta de consciência do presidente da República diante da pandemia que castiga toda humanidade e conseqüente pouco caso em relação a milhares de mortes que ocorrem no País devido à Covid-19.

(c) **Modo** (construção do texto) refere-se ao texto da charge, uma combinação multimodal incluindo língua, imagem e cor.

3.3.2 *Análise e discussão do enunciado verbal*

O Quadro 13 apresenta a análise e discussão do enunciado verbal, referente a análise da charge E daí?

Quadro 13 - Análise do enunciado verbal da charge E daí?

E daí?
Avaliação Social (-)

Discussão:

A metafunção ideacional, conforme Halliday (1994), apresenta como função principal a representação de padrões de experiência. Na charge, não há processos verbais explícitos. Entretanto, isso não impede que o leitor construa o sentido pretendido pelo chargista. O leitor pode inferir o processo existencial, ou seja, há muitas mortes provocadas pela pandemia da COVID-19.

A metafunção interpessoal recupera a voz do representante da nação em uma entrevista dada para manifestar a sua opinião sobre o aumento das mortes ocasionado pela doença. A avaliação social é negativa posto que inúmeros brasileiros repudiaram a insuficiente atuação do presidente da República no combate à pandemia que ceifava milhares de mortes em poucos dias. A charge apoia-se na

ironia da situação já que se o presidente da República não tem outra resposta a não ser o “E daí?” diante da situação instalada no País, o que pode esperar a população? O humor está exatamente diante desse impasse: quem pode não faz; e quem não pode? “E daí?” é, então, uma pergunta no nível textual, mas uma contundente negação no nível do discurso.

A análise da metafunção textual demonstra a construção de uma charge: quase a totalidade de sua “extensão” recai na recuperação do conteúdo presente no frame do leitor, possibilitada, em geral, por um mínimo de conteúdo verbal e uma imagem muito sugestiva somada à cor adequada.

3.3.3 *Análise e discussão da imagem e da cor*

A análise das imagens é feita na esteira de Kress e Van Leeuwen (2006), uma adaptação das metafunções da LSF: ideacional, interpessoal e textual, ou seja: (a) contato; (b) distância social; (c) dimensão (horizontal e vertical), respectivamente.

- (a) Contato: ação da imagem sobre o expectador, oferecendo uma informação visual;
- (b) Distância Social: o espectador é convidado a aproximar-se ou não dos participantes representados na imagem;
- (c) distância social íntima, distância social razoável e distância impessoal, de afastamento; e Atitude: (i) dimensão *horizontal*, que cria envolvimento dos espectadores; e (ii) *vertical*, que cria a relação de poder entre o espectador e participantes representados.



Contato: Em um cenário sombrio, sepulcral, céu negro, lua cinza, caveiras espalhadas por toda parte (representando o Brasil na pandemia?), a charge mostra o que se supõe seja um cadáver semi-enterrado somente com uma mão surgindo da terra, como a pedir socorro. Mais à direita, o presidente com sua faixa verde amarela, fazendo um sinal de arma com a sua mão direita, foge do local após declarar o “E daí?”

Distância social: A mão que pede socorro está à altura do leitor, sobressaindo-se nitidamente da terra, o que torna o apelo mais veemente; além disso, essa situação indica proximidade social, na medida em que a tragédia que se aproxima pode ser o destino de qualquer brasileiro.

Dimensão: Na dimensão horizontal, a mão que sai da terra parece pedir socorro ao mesmo tempo em que indica uma possível morada da vítima da Covid-19 que pode ser o espectador. Há, também, outra mão, a do presidente, que faz a imitação de uma arma, como se fosse atirar naquele que clama por ajuda. Na dimensão vertical, o céu negro cobre a maior parte da charge, envolvendo assim, o presidente – portando a faixa verde amarela, que foge, deixando para trás a mão, as caveiras, os horrores que ajudou a implantar.

Cor: O conjunto é extremamente sombrio: um cemitério coalhado de caveiras e ossos esbranquiçados espalhados no solo recém removido para o enterro de milhares de vítimas da Covid-19. Nesse conjunto tétrico, a mão de uma vítima

sobressai na escuridão como que convidando o espectador para o final que se aproxima de todos já que o presidente diz não ter condições de tomar decisões que afastem a pandemia.

3.3.4 *Análise e discussão da metáfora*



A charge “E daí?” compõe-se, no que concerne ao material linguístico, de apenas duas palavras, mas vale-se uma rica imagem sugestiva da pandemia no Brasil e, mais que tudo do conteúdo do *frame* do leitor para construir o seu significado.

São esses elementos que, aos poucos, presentificam na charge as expressões metafóricas – ou minimetonímicas – que terão relacionado as escolhas multimodais feitas no texto com o conhecimento presente no *frame* do leitor. Teremos então, na esteira da proposta de Li (2010), as seguintes ocorrências: **“E daí?” - fuga do presidente – a mão desesperançada – a morte** – panorama tétrico que recuperam a metáfora conceptual sugerida pela charge:

PANDEMIA É DESCASO

3.3.5 *Discussão geral das análises*

O descaso pelas autoridades competentes - que tem resultado em milhares de doentes e mortos, vitimados pela Covid-19 - é denunciado pela charge “E daí?” por

meio de duas escolhas lexicais apenas, porém de grande efeito persuasivo, graças à complementação da informação que vem da imagem auto-explicativa, somada ao conhecimento do assunto pelo espectador.

Nesse sentido, Kärkkäinen (2006) afirma que a atitude no discurso não é a apresentação linguística transparente de “estados internos” de conhecimento, mas emerge da interação dialógica entre interlocutores. Assim, a atitude é mais apropriadamente vista de um ponto intersubjetivo, e não considerada primordialmente como uma dimensão subjetiva da linguagem.

“E daí?”, é uma pergunta que fecha uma porta ao pedido de socorro das vítimas do coronavírus. E, ao contrário das charges até então analisadas, “E daí?” não provoca risos, pois ao que tudo indica não há motivo para isso, quando, ironicamente, a única autoridade que poderia socorrer as vítimas foge pelos cantos obscuros da charge.

Ainda assim, não há como negar o lado humorístico da charge, dado pela soma da mão que surge entre esqueletos e o presidente, fugindo do seu dever, com o gesto que se tornou sua marca pessoal – o da arma em punho.

Esta charge, assim como as duas primeiras, mostrou que “texto” é uma soma de verbiagem e imagem e que o “significado” não está completamente expresso nas palavras, imagens ou cor, mas está neles e também no *frame* do leitor.

3.4 Salvem o Pantanal!

A Figura 4 apresenta a charge “Salvem o Pantanal!”, objeto da presente análise.

Figura 4 - O GRITO pelo Pantanal



<https://www.humorpolitico.com.br/marcelo/o-grito-pelo-pantanal/>

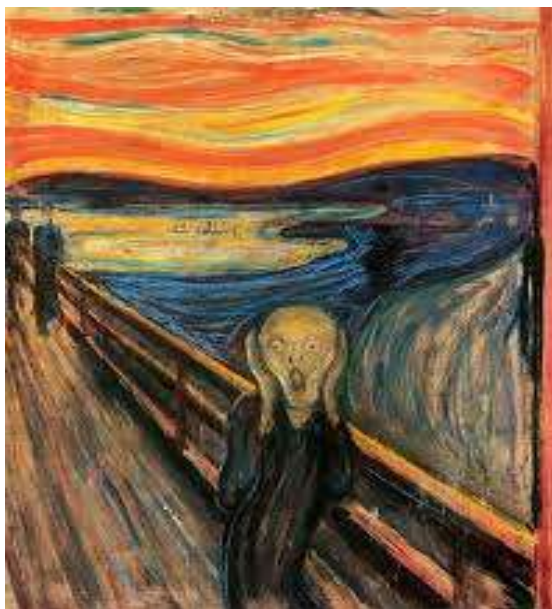
3.4.1 Contexto situacional – análise do registro

O exame do contexto situacional, ou registro, tem o propósito de prevenir o subjetivismo da análise, e abrange:

- (a) **Campo** (o assunto) refere-se aos incêndios que assolaram o Pantanal durante dois meses em 2020, causando a maior devastação da região de que se tem notícia, em toda sua história. Como resultado centenas de famílias perderam seus lares e milhares de animais morreram sem terem condições de fugir da tragédia.
- (b) **Relação** (interação) refere-se ao rosto que representa as vítimas da devastação, olhos esbugalhados pelo terror, a boca aberta, que grita “Salvem o Pantanal!”. O rosto está colocado frente ao espectador, olhando-o diretamente, o que torna mais persuasivo o pedido de socorro.
- (c) **Modo** (a construção do texto) refere-se ao texto multimodal, reunindo

o modo linguístico, a imagem e à cor. Notemos que a charge lança mão do famoso quadro “O Grito”, de Edvard Munch, o que aumenta o poder de sedução do apelo de socorro do Pantanal. (foto abaixo)

Figura 5 - O Grito, Edvard Munch



O Grito, de Edward Munch

3.4.2 Análise e discussão do enunciado verbal

O quadro 14 apresenta a análise e discussão do enunciado verbal, referente a análise da charge “Salvem o Pantanal!”

Quadro 14 - Análise da verbiagem de “Salvem o Pantanal!”

SALVEM Material	O PANTANAL! Meta
Modalidade/modulação de: obrigação	

Discussão:

A charge “Salvem o Pantanal!” convoca o Brasil (e o mundo) – o ator do processo material “salvem” – para evitar a diária destruição do Pantanal, que vem acontecendo cotidianamente por meio do desmatamento e da queima da floresta para

fins como a agricultura, mas também para outras atividades como a mineração. “Salvem o Pantanal!” é um apelo expresso pelo modo imperativo, na 3ª. pessoa do plural, mas o endereçado é apenas uma pessoa, o presidente da República, que tende mais para a salvaguarda de questões econômicas, sobretudo relacionados à criação de gado e ao agronegócio do que pelo meio ambiente.

A metafunção interpessoal se faz presente por meio da modulação de obrigação, subjacente à solicitação de “salvem”, que metonimicamente, apoia o *frame* do espectador que abriga muitos gritos: salvem enquanto é tempo; salvem-no, pois do Pantanal, depende a vida futura do mundo: salvem-no porque deste verde depende o ar que respiramos!

3.4.3 Análise e discussão da imagem e da cor

A análise das imagens é feita na esteira de Kress e Van Leeuwen (2006), uma adaptação das metafunções da LSF: ideacional, interpessoal e textual, ou seja: (a) contato; (b) distância social; (c) dimensão (horizontal e vertical), respectivamente.

- (d) Contato: ação da imagem sobre o espectador, oferecendo uma informação visual;
- (e) Distância Social: o espectador é convidado a aproximar-se ou não dos participantes representados na imagem;
- (f) distância social íntima, distância social razoável e distância impessoal, de afastamento; e Atitude: (i) dimensão *horizontal*, que cria envolvimento dos espectadores; e (ii) *vertical*, que cria a relação de poder entre o espectador e participantes representados.



Contato: A charge apresenta ao espectador, um rosto ladeado pelas mãos, de olhos arregalados e boca que grita “Salvem o Pantanal!” Ao fundo, o céu inteiramente coberto por tons de vermelho e laranja mostra o incêndio em todo o seu furor, nada respeitando ao seu redor. Sob este céu, só o negro do carvão em que se tornou a verdejante floresta com seus rios e animais caminhando pela mata.

Distância social: Nesse cenário, o grito está inscrito em letras maiúsculas, em balão como se indicasse uma explosão. A pessoa que grita por ajuda está localizada à altura do leitor, ocupando boa parte da charge, como se estivesse procurando se aproximar dele, mas muito mais para se fazer ouvir e se fazer entender em sua procura por ajuda.

Dimensão: Na dimensão horizontal, o rosto está na altura do leitor, e sua atitude demonstra envolvimento com o leitor. Além disso, há um pedido de compreensão da tragédia que se aproxima e também, um pedido de alerta para evitar a destruição desse ecossistema. Na vertical, o fogo toma conta da situação nesse panorama, não permitindo a aproximação do homem, que tenta, de todos os modos, extinguir o incêndio.

Cor: O céu está tomado pelo fogo, como mostram as cores vibrantes de vermelho das labaredas que queimam o Pantanal – amarelo, vermelho e laranja – e sobre o solo enegrecido totalmente pelas labaredas, predomina o negro do luto pelos seres humanos, animais e vegetais condenados. A vastidão coberta de vermelho pelo

fogo mostra que ainda resta muito para a chegada do socorro, que depende do esforço de todos os brasileiros.

3.4.4 *Análise e discussão da metáfora*



A charge multimodal “Salvem o Pantanal!” expõe vasto cabedal de significados espalhados entre os modos verbal, o imagético e a cor, e consegue transmitir uma nota persuasiva do incêndio que desmatou boa parte do Pantanal, no que contou muito com o *frame* do leitor.

São esses elementos que, aos poucos, presentificam na charge as expressões metafóricas – ou minimetonímicas – que terão relacionado as escolhas multimodais feitas no texto com o conhecimento presente no *frame* do leitor. Teremos então, na esteira da proposta de Li (2010), as seguintes ocorrências: **salvem - incêndio – chamas – solo negro – grito de uma só pessoa – céu em fogo** - recuperam a metáfora conceptual sugerida pela charge:

SALVAMENTO É HIPOTÉTICO

3.4.5 *Discussão geral da análise*

O leitor reconstrói o mundo textual projetado em “O GRITO pelo pantanal” segundo o seu conhecimento cultural e pessoal a partir das pistas visuais e

linguísticas presentes. Aqui, é possível inferir que atrás desta charge está a conhecida obra expressionista de arte “O Grito” de Edvard Munch.

Em termos intersubjetivos, o leitor pode solidarizar-se com o chargista a partir do momento que entende que a charge comenta sobre a situação do Pantanal e a compara com o sentimento de angústia da personagem da obra “O grito” com a qual faz intertextualidade. Tanto a personagem da charge quanto a do quadro olham aterrorizadas para o espectador e transparecem medo e angústia.

Sselye (1978) afirma que o humor pode ser terapêutico. O leitor, da época da publicação da charge, está inserido no contexto da pandemia da COVID-19 e está exposto a notícias de toda sorte. Esta charge pode provocar riso ou não.

A ironia se dá associada à intertextualidade com a obra de Munch representada na Figura 5. No quadro, há duas pessoas caminhando sobre a mesma ponte. Em teoria, elas podem ouvir o grito da personagem aflita e fazer algo ou não. Na charge, entretanto, não há ninguém para ouvir o grito, pois a personagem está cercada de labaredas e destruição. A solidão da personagem em meio ao caos retratado na imagem remete ao abandono do meio ambiente pelos representantes do governo.

A persuasão aqui ocorre por sedução, já que a charge transmite verdade e credibilidade de argumentos, sobretudo porque é possível resgatar o que está acontecendo no Pantanal em muitos noticiários, inclusive internacionais.

Por isso, é possível afirmar que esta charge, comprovou que o significado do texto foi construído pelos enunciados visuais e verbais e contou com a contribuição do *frame* do leitor.

4 DISCUSSÃO GERAL DOS RESULTADOS

A charge representa, graficamente, de acordo com a interpretação do chargista, uma notícia veiculada pelos meios de comunicação e que, por isso, é, geralmente, conhecida pelo público. A charge se caracteriza como um texto opinativo e é de fácil acesso à comunidade leitora. Os produtores de textos chárgicos expressam sua opinião de modo humorístico, sarcástico e crítico. Tais estratégias são empregadas de modo a persuadir o leitor sem que ele o perceba, já que a combinação verbo-visual do gênero textual em questão pode influenciar o leitor na tomada ou não de posicionamento ideológico.

As quatro charges multimodais examinadas – “Matusalém”, “Dá trabalho”, “E daí!”, e “Salvem o Pantanal” – são críticas ao governo brasileiro pela indiferença com que tem tratado questões de suma importância para o povo, como são: a Reforma da Previdência, o desemprego que atinge milhões de brasileiros, a pandemia causada pelo Coronavírus e sua gestão e, o desmatamento do Pantanal.

Esta tese, conforme já informado, tem como objetivo a análise de quatro charges multimodais, examinando a função persuasiva do humor e da ironia sob o olhar da metáfora e da metonímia, com o apoio da Linguística Sistêmico-Funcional. Nesse sentido, constatamos que a construção das mensagens está amparada na união dos três modos – verbal, imagem e cor que estão intrinsecamente relacionados com as escolhas feitas que asseguram a persuasão do leitor.

Observamos, como ferramentas de persuasão, que os recursos retóricos pesquisados neste trabalho são preponderantes para a construção dos argumentos nas charges: a transitividade, a avaliatividade, a metáfora, a metonímia, o humor e a ironia.

Por se tratar de um gênero de extensão reduzida, a construção dos significados das charges ocorre com a soma de verbiagem – analisada pela transitividade e avaliatividade, imagem – analisada pela gramática visual - e frame do leitor que é projetado por meio da intersubjetividade, artifício responsável pelo preenchimento de sentido daquilo que não é dito, mas é inferido pelo mundo textual do leitor. (SEMINO, 1997).

Realizada esta discussão, julgamos propício retomar as perguntas de pesquisa para as quais este trabalho buscava respostas: (a) Como é feita a persuasão

via humor e ironia nas charges verbo-visuais? (b) Qual é o papel da metonímia e da metáfora? (c) De que modo a LSF pode apoiar essa análise?

Para responder à primeira pergunta, cabe ressaltar que as charges tentam persuadir o leitor no sentido de sua conscientização sobre a real situação que tende a piorar a cada dia, causando sofrimento e morte de milhões de brasileiros, situação ignorada pelo governo federal e camuflada por discursos demagógicos. Para tanto, em vez de tecer críticas acerbas, com o uso de texto complexos que descrevessem o descaso presidencial, a charge multimodal se vale da soma de rápidas palavras sobre imagens convincentes em que conta com o conhecimento do assunto, o *frame* do espectador. Mais ainda: a charge lança mão do humor, que ameniza a dura crítica e da ironia – dizendo sem falar.

Portanto, a charge persuade, ferindo na subjacência o alvo pretendido, mas sem prejudicar seu leitor, que, pelo contrário, desfruta momentos de humor e de desejo de vingança. Por seu lado, a ironia atinge e presentifica as lembranças que se encontram na mente do leitor, formando o todo ideal para a charge realizar seu intento de convencer e ao mesmo tempo seduzir (KITIS; MILAPIDES, 1998).

Com relação à segunda pergunta, é possível afirmar que a metonímia tem um papel crucial na construção de sentido da charge. As indicações verbo-visuais disponíveis nos três modos, funcionam como ícones, na medida em que são diretamente semelhantes à realidade. Cabe destacar o aspecto indicial delas, isto é, a representação de uma dada realidade tem o propósito de persuadir o leitor. As indicações atraem a atenção do leitor e acionam o seu *frame* que lhe possibilitará inferir o conteúdo implícito com o apoio de seu conhecimento enciclopédico e do contexto imediato de comunicação. A capacidade de o leitor fazer inferências de um *frame* inteiro, a partir de uma menção de apenas uma parte do todo, possibilita atribuir sentido para afirmações aparentemente despretensiosas.

A metáfora e a metonímia estão intrinsecamente relacionadas e isso ocorre porque as metáforas conceptuais requerem metonimizadas subjacentes. Lakoff e Johnson (1980) pontuam que as metáforas conceptuais podem descortinar a realidade. Por conta disso, as charges multimodais recorrem à metáfora conceptual como uma maneira de persuadir o leitor para que se alinhe ao modo de pensar sugerido na charge.

Por fim, a terceira pergunta. A Linguística Sistêmico-Funcional fornece metodologia analítica bastante precisa para o exame das charges, uma vez que são

observadas escolhas lexicogramaticais específicas para persuadir o leitor. Por esta razão, a análise da microestrutura se mostra adequada para trazer à tona as ideologias presentes nas mensagens graças a tais escolhas.

Os resultados também mostram que a persuasão implícita procura o suporte da avaliatividade porque o chargista manifesta o seu ponto de vista com base nos acontecimentos e na opinião pública. Também foram observados *tokens* que apresentam avaliação implícita, por meio de ironia.

Considerando o estudo, podemos dizer que a persuasão das charges se dá por meio da sedução, já que apela para o riso, em primeira instância, para na sequência, suscitar reflexões do leitor e fazê-lo aderir ao posicionamento desejado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese, desde o princípio, foi motivada pela curiosidade e pelo interesse no gênero charge e em compreender como os seus aspectos constituintes, isto é, escolhas de palavras, imagens, cores, metonímias, metáforas e humor são empregados como estratégias de persuasão sob a perspectiva teórica da Linguística Sistêmico-Funcional de Halliday (2004) e da Gramática Visual de Kress and Van Leeuwen (2010).

Como docente de Ensino Médio, é possível observar que, segundo as orientações da BNCC (2017), tanto os livros didáticos quanto os exames nacionais e os vestibulares propõem leituras e questões que exploram a interpretação e a compreensão de gêneros multimodais, como a charge, objeto desta pesquisa.

Embora o texto chárstico apresente extensão limitada, essa característica não faz dele um gênero simples ou menos relevante em comparação aos demais. Contrariamente a isso, ao longo deste estudo, pudemos constatar que uma variedade de recursos retóricos e de conhecimentos é acionada para a construção da argumentação e da persuasão das charges. O sentido pode ser construído por meio de informações explícitas ou por meio daquilo que não é dito. Neste caso, o leitor preenche este sentido com o seu conhecimento compartilhado de mundo, o seu *frame*.

Com base nos argumentos apresentados, entendemos que trabalhar com o gênero charge em sala de aula é essencial para promover capacitação intelectual aos alunos. O entendimento de charges pressupõe compreensão da atualidade, do contexto, do mundo em que vivemos. Para isso, professores e alunos deverão ler conteúdos que lhes propiciem atualização antes de realizar o trabalho com as charges propriamente ditas, uma vez que para compreendê-las, é preciso ter conhecimento contextual.

Esta leitura prévia, de outros gêneros, é de grande valia sobretudo porque atende às recomendações da BNCC (2017) que ressalta a importância de se trabalhar com gêneros textuais variados.

Ainda, ao considerarmos a linguística crítica, as escolhas verbo-visuais das charges são determinantes na composição do texto multimodal, já que apresentam as marcas ideológicas dos chargistas. Acreditamos que os alunos possam desenvolver um olhar mais crítico com a aquisição dos recursos de análise apresentados nesta

tese. Em outras palavras, a apresentação e a aplicação das metafunções segundo a LSF e a Gramática Visual Sociosemiótica. Ademais, os empregos da metáfora e da metonímia, que geralmente, são estudadas como figuras de linguagem aplicáveis em gêneros literários.

Para finalizarmos este trabalho, esperamos ter contribuído com a ciência da linguagem com a nossa proposta de pesquisa sobre o gênero charge sob a luz da Linguística Sistêmico-Funcional e a Gramática Visual Sociosemiótica. Esperamos que outros estudiosos possam pesquisar sobre o gênero charge, uma vez que o tema é bastante amplo e pode receber enfoques diversos.

Como professora, acredito ter adquirido novos insumos intelectuais e pedagógicos que já estão sendo utilizados com os meus alunos em sala de aula. Creio que a capacitação e o aprimoramento constantes devam fazer parte da jornada profissional dos professores, já que a nossa formação continuada pode fazer a diferença na vida dos nossos alunos.

REFERÊNCIAS

- ADAMI, E.; KRESS, G. Introduction: multimodality, meaning making, and the issue of “text”. *Text & Talk*, 34(3), p. 231 – 237, 2014.
- ALBERTI, V. O riso e o risível na história do pensamento. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, FGV, 1999. Coleção Antropologia Social.
- ARRIGONI, M.M. Debatendo os conceitos de caricatura, charge e cartum. III Encontro Nacional de Estudos da Imagem, Londrina, PR, 2011. <Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Mariana%20de%20Mello%20Arri%20goni.pdf>>, Acesso em 24.09.2020.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BLOMMAERT, J.; VERSCHUEREN, J. The pragmatics of minority politics in Belgium. *Language in Society* 20 (4): 503-531, 1999.
- BLOOR, T.; BLOOR, M. The functional analysis of English. A Hallidayan Approach. Londres: Arnold, 1995.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC. 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#medio/lingua-portuguesa>> Acesso em 21.07.2020.
- CAVALCANTI, M.C.C. Multimodalidade e argumentação na charge. (Dissertação em Letras). 100p. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2008.
- CHARTERIS-BLACK, J. Corpus Approaches to Critical metaphor analysis. New York: Palgrave, 2004.
- CHANNELL, J. Corpus-based analysis of evaluative lexis. In: Huston, S.; Thompson, G. Evaluation in text: authorial stance and the construction of discourse. Oxford University Press, 2000.
- COFFIN, C. The voices of history: Theorizing the interpersonal semantics of historical discourses. v.22, n.4, p. 503-528, 2002. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/a0cb/97ed70728ae920994ce271129bed2170e33f.pdf?_ga=2.56102379.1908109748.1579649630-1461350479.1579649630 Acesso em 21.01.2020.
- CUNHA, V. Y. Persuasão e multimodalidade na construção da identidade feminina na propaganda de produtos de beleza: uma perspectiva sistêmico-funcional. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). 123p. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.
- DOWNING, L. H. Text world creation in advertising discourse. *Círculo de Linguística Aplicada a la Comunicación - Revista Alicantina de Estudios Ingleses*, vol. 13, p. 67-88, fev. de 2003.
- EL REFAIE, E. Our purebred ethnic compatriot’s irony in newspaper journalism. *Journal of Pragmatics* 37.6, p. 781-797, 2005.
- FAIRCLOUGH, N. The critical language awareness. UK. Longman, 1992.

_____. Critical discourse analysis: the critical study of the language. New York: Longman Publishing, 1995.

FENG, W. D. Metonymy and visual representation: towards a social semiotic framework of visual metonymy. Sage Journals, Hong Kong, v. 16, n. 4, pp. 375-394, Set. de 2017.

FIGUEREDO, G. P. The flow of information in "Brian Aldiss Supertoys Last All Summer Long" and its translation into Brazilian Portuguese. 2006. Disponível em: Acesso em: 17 jul. 2016.

FONSECA, J. Caricatura: imagem gráfica do humor. Porto Alegre: Artes e ofícios ed. LTDA, 1999.

FORCEVILLE, C. Pictorial Metaphor in advertising. London and New York: Routledge, 1996.

FORCEVILLE, C.; URIOS-APARISI, E. Multimodal metaphor. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2009.

FOWLER, R. Language in the news. London: Routledge, 1991.

_____. Linguistic Criticism. Oxford: Opus, 1996.

FROBERT-ADAMO, M. Humor in oral presentations: what's the joke? In: Eija Ventola (ed) The language of conferencing. Berlin:Lang, 2002.

GOATLY, A. The language of metaphors. London: Routledge, 1997.

GUIJARRO, A. J. M. Engaging readers through language and pictures. A case study. Journal of Pragmatics (2982-2991), 2011.

HALLIDAY, M. A. K. (revised by) Christian M. I. M. Matthiessen An introduction to functional grammar. Londres: Arnold, 2004.

HASAN, R.: Meaning, Context, and Text: Fifty Years after Malinowski', in J.D. Benson and W.S. Greaves (eds.), Systemic Perspectives on Discourse, Ablex Publishing, Norwood NJ, 1985.

HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Eds.). Evaluation in text. Authorial stance and the construction of discourse. NewYork: Oxford University Press, p.143, 2000.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. Reading images: The Grammar of Visual Design. London: Routledge, 1996.

_____. Visual interaction. The discourse reader, v. 2, 2006.

_____. Multimodality. A social semiotic approach to contemporary communication. New York, Routledge, 2010.

KITIS, E.; MILAPIDES, M. Read it and believe it: How metaphor constructs ideology in news discourse. A case study. Journal of Pragmatics 28 (557-590), 1997.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 314, 2005.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; KÖVECSES, Z. The cognitive model of Anger inherent in American English. In: HOLLAND, D.; QUINN, N. (Eds.). *Cultural Models in Language and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 195-221.

LEMOS, J.A.L; SOUZA, M.E.S. O contexto e implícitos na produção de cartuns de Ziraldo e Millor Fernandes. *Revista Labirinto*, Porto Velho, RO, Ano XIV, Vol. 21, p. 194-207, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/Daniela/Downloads/1026-4533-1-PB.pdf>. Acesso em 20.06.2020.

LI, J. Transitivity and lexical cohesion: Press representations of a political disaster and its actors. In: *Journal of Pragmatics*, 42.12, p. 3444-3458, 2010.

LIMA, H. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1963.

LIMA, M.F.M. O humor como estratégia de compreensão e produção de charges: um estudo inferencial das charges de Myrria. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). 156p. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2015.

LIPOVETSKY, G. *A era do vazio*. São Paulo: Manole, 2005.

MALINOWSKI, B. The Problem of Meaning in Primitive Languages, Supplement I to C.K. Ogden; I.A. Richards (eds.), *The Meaning of Meaning*, Harcourt Brace, New York, 1923, 296--336.

MARTIN, J. R. & ROSE, D. *Working with discourse – Meaning beyond the clause* London: Bloomsbury, 2003.

MARTIN, J.R. *Beyond Exchange: APPRAISAL Systems in English*. In Susan Hunston; Geoff Thompson (eds.), *Evaluation in Text – Authorial Stance and the Construction of Discourse*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MARTIN, J.R. WHITE, P. R. R. *The Language of evaluation. Appraisal in English*. Houndmills, U.K: Palgrave Macmillan, 2005.

MATSUKI, K. Metaphors of anger in Japanese. In J. R. Taylor and R. MacLaury (eds.) *Language and the Cognitive Construal of the World*. Berlin: Mouton, 1995.

MIANI, R. A. A utilização da charge na imprensa sindical na década de 80 e sua influência política e ideológica. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo: ECA/USP, São Paulo, 2000.

MELO, J.M. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.

MORETTI, F. Aprenda a desenhar cartuns. São Paulo: Criativo. 2012

MOUCO, M.A.T. Leitura, análise e interpretação de charges com fundamentos na teoria semiótica. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1104-4.pdf>, acesso em 10.05.2019.

MOON, R. Fixed expressions and idioms in English: A corpus-based approach. Oxford University Press, 1998.

MUJIC, B. K. Linguistic and pictorial metonymy in advertising, 2009. Universidad Rey Juan Carlos. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10115/4648>> Acesso em: 24 jul. 2018.

NERY, J. E. Charge e caricatura na construção de imagens públicas. 1998. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

OLIVEIRA, N., A., A.; ALMEIDA, L. M. O. Gêneros jornalísticos opinativos de humor: caricaturas e charges. Janu, ano 3, n.4, 2006. Disponível em: <http://unifatea.com.br/seer3/index.php/Janus/article/view/140/128>. Acesso em 24.09.2020

OLIVEIRA, M.L.S. Charge: imagem e palavra numa leitura burlesca do mundo. In: AZEREDO, J.C. Letras & Comunicação: uma parceria para o ensino de língua portuguesa. Petrópolis: Vozes, 2001.

OLIVEIRA, E.; SANTOS, R.P; BORGES, Rosane da Silva. Identidades e representações nos sistemas midiáticos (in) formativos: a charge e a construção da imagem do Outro. Revista Rumores número 14, vol. 7, jul/dez. 2013. Acesso em maio de 2019.

PAGLIOSA, E.L.B. Humor: um estudo sociolinguístico cognitivo da charge. Porto Alegre: EDIPCRS, 2005.

POSSENTI, S. Humor e imaginário sobre práticas científicas. In: CARMELINO, A.C. Humor eis a questão. São Paulo: Cortez, 2015.

QUINN, N. The cultural basis of metaphor. In: FERNÁNDEZ, J. (Org.). Beyond Metaphor. The Theory of Tropes in Anthropology. Stanford, CA: Stanford University Press, p. 56-93, 1991.

RAMOS, P. E. Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor. Tese (Doutorado de Filologia e Língua Portuguesa). 412p. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

RIANI-COSTA, C. F. Linguagem & Cartum... Tá rindo do quê? In: INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Salvador/BA: 1 a 5 de set de 2002.

SANZ, M. J. P. Multimodality and cognitive linguistics. Review of cognitive linguistics. v. 11, n. 2, p. 227-235, 2013.

SARDINHA, T.B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola, 2007.

SEMINO, E. *Language and World Creation in Poetry and Other Texts*. Londres: Longman, 1997.

SHIE, J.S. Metaphors and metonymies in New York Times and Times Supplement news headlines. *Journal of Pragmatics* 43. p.1318-1334, 2011.

SLOBIN, D. I. *Psicolinguística*; tradução Rossine Sales Fernandes. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980.

TOLEDO, E. G. F. *Leitura de charges e discursos juvenis: produção e recepção como ações culturais de cidadania*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). 261p. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 2016.

VAN DIJK, Teun. *Discourse and communication*. Berlin/New York: de Gruyter, 1985.

_____. *News as Discourse*. Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1988.

_____. *Discourse, power and access*. In C.R. Caldas (ed.) *Studies in Critical Discourse Analysis*. London: Routledge, 1993.

_____. *Discourse and manipulation*. London: SAGE publications Ltd, 1997.

VELASCO-SACRISTÁN, M. Metonymic grounding of ideological metaphors: Evidence from advertising gender metaphors. *Journal of Pragmatics*, 42 (64-96), 2010.

WEE, L. The cultural basis of metaphor revisited. *Pragmatics & Cognition*, Amsterdam, v. 14, n. 1, p. 111-128, 2006.